



DESAFIOS E INOVAÇÕES NA PRÁTICA DE ENFERMAGEM

Organizadores
José Erivelton de Souza Maciel Ferreira
Amanda Castro e Silva



VOLUME 1

EDITORA
OMNIS SCIENTIA



DESAFIOS E INOVAÇÕES NA PRÁTICA DE ENFERMAGEM

Organizadores
José Erivelton de Souza Maciel Ferreira
Amanda Castro e Silva



VOLUME 1

Editora Omnis Scientia

DESAFIOS E INOVAÇÕES NA PRÁTICA DE ENFERMAGEM

Volume 1

1ª Edição

RECIFE - PE

2024

Editor-Chefe

Me. Daniel Luís Viana Cruz

Organizadores

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

Amanda Castro e Silva

Conselho Editorial

Dr. Amâncio António de Sousa Carvalho - ESS-UTAD - Portugal

Dr. Cássio Brancaleone - UFFS - Brasil

Dr. Marcelo Luiz Bezerra da Silva – UEPa – Brasil

Dra. Pauliana Valéria Machado Galvão - UPE - Brasil

Dr. Plínio Pereira Gomes Júnior - UFRPE - Brasil

Dr. Walter Santos Evangelista Júnior - UFRPE - Brasil

Dr. Wendel José Teles Pontes - UFPE - Brasil

Editores de Área - Ciências da Saúde

Dr. Amâncio António de Sousa Carvalho

Dra. Camyla Rocha de Carvalho Guedine

Dra. Cristieli Sérgio de Menezes Oliveira

Dr. Hugo Barbosa do Nascimento

Dr. Marcio Luiz Lima Taga

Dra. Pauliana Valéria Machado Galvão

Assistente Editorial

Thialla Larangeira Amorim

Imagem de Capa

Canva e Freepik

Edição de Arte

Vileide Vitória Larangeira Amorim

Revisão

Os autores



**Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons – Atribuição-
NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.**

**O conteúdo abordado nos artigos, seus dados em sua forma, correção e
confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Lumos Assessoria Editorial

D442 Desafios e inovações na prática de enfermagem : volume 1
[recurso eletrônico] / organizadores José Erivelton de
Souza Maciel Ferreira e Amanda Castro e Silva. — 1. ed.
— Recife : Omnis Scientia, 2024.
Dados eletrônicos (pdf).

Inclui bibliografia.
ISBN 978-65-6036-498-1
DOI: 10.47094/978-65-6036-498-1

1. Enfermagem - Prática. 2. Cuidados de enfermagem
- Planejamento. 3. Assistência hospitalar. 4. Serviços
de enfermagem. 5. Assistência de enfermagem. 6. Saúde
coletiva. I. Ferreira, José Erivelton de Souza Maciel.
II. Castro e Silva, Amanda.

CDD23: 610.73

Bibliotecária: Priscila Pena Machado - CRB-7/6971

Editora Omnis Scientia

Av. República do Líbano, nº 251, Sala 2205, Torre A,
Bairro Pina, CEP 51.110-160, Recife-PE.

Telefone: +55 87 99914-6495

editoraomnisscientia.com.br

contato@editoraomnisscientia.com.br



PREFÁCIO

O livro “Desafios e Inovações na Prática de Enfermagem” explora as complexidades da prática de enfermagem contemporânea, destacando os desafios atuais e as inovações que moldam o campo. Com uma ênfase particular na prevenção de infecções, segurança do paciente e humanização do cuidado, esta obra busca oferecer uma visão abrangente e crítica das práticas e abordagens que estão transformando a enfermagem.

Iniciamos com o capítulo “Como as Técnicas Mais Simples de Enfermagem Podem Reduzir Eficazmente Infecções Hospitalares?”, que investiga como intervenções simples e eficazes podem impactar significativamente a redução de infecções nos ambientes hospitalares. Este capítulo enfatiza a importância de práticas básicas, mas muitas vezes negligenciadas, que são cruciais para a prevenção de infecções e para a promoção da segurança do paciente.

O segundo capítulo, “Atuação da Enfermagem na Prevenção e Controle da Infecção em Feridas Operatórias no Âmbito Hospitalar”, aborda as estratégias específicas que a enfermagem pode adotar para prevenir e controlar infecções em feridas operatórias. A discussão detalha técnicas e práticas baseadas em evidências que são essenciais para a gestão eficaz das infecções em ambientes cirúrgicos e hospitalares.

Em “Prevenção de Quedas em Pacientes Hospitalizados: Avaliação do Perfil Epidemiológico e das Melhores Práticas”, o foco está na prevenção de quedas, um problema significativo na saúde hospitalar. Este capítulo apresenta uma análise do perfil epidemiológico das quedas e explora as melhores práticas para prevenir esses eventos, destacando a importância de abordagens baseadas em dados para melhorar a segurança do paciente.

O quarto capítulo, “Apoio Emocional ao Paciente Hospitalizado: Análise das Intervenções de Enfermagem de Décadas Passadas - O que se Mantém Atual?”, oferece uma reflexão sobre as intervenções emocionais na enfermagem ao longo das décadas. Este capítulo analisa o que tem se mantido relevante e eficaz no apoio emocional aos pacientes hospitalizados, proporcionando insights sobre como as práticas evoluíram e como algumas abordagens clássicas ainda são pertinentes.

O capítulo premiado, “Reflexão Crítica e Pensamento Analítico na Prática de Enfermagem para Pacientes com Transtorno do Espectro Autista: Desafios e Avanços”, destaca-se por sua análise crítica e profunda das práticas de enfermagem para pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Reconhecido com menção honrosa, este capítulo oferece uma visão detalhada dos desafios e avanços na prática de enfermagem para essa população específica, refletindo a importância de um pensamento analítico e crítico na promoção de cuidados mais eficazes e humanizados.

Esta coletânea é uma realização dos discentes do curso de Enfermagem da Uniasselvi FADESC Ceará, coordenada pelo Professor José Erivelton de Souza Maciel Ferreira. A colaboração dos alunos, bem como de profissionais formados em enfermagem, biomedicina e odontologia, trouxe uma perspectiva multidisciplinar valiosa para a discussão dos desafios e inovações na prática de enfermagem.

Os capítulos apresentados refletem a dedicação e o empenho dos autores em abordar questões atuais e pertinentes na área da saúde. A diversidade de temas e abordagens demonstra a amplitude dos desafios enfrentados pelos profissionais de enfermagem e as soluções inovadoras que estão sendo desenvolvidas para superá-los.

A Uniasselvi FADESC Ceará tem se comprometido com a excelência acadêmica e a formação de profissionais de saúde capacitados para enfrentar os desafios contemporâneos. Este livro é um testemunho do sucesso desse compromisso, evidenciando a qualidade e o rigor acadêmico dos trabalhos realizados pelos alunos e pela equipe docente.

Agradecemos a todos os colaboradores pelo seu trabalho árduo e pela contribuição significativa para este livro. O reconhecimento do capítulo premiado é um reflexo da importância do pensamento crítico e da inovação na prática de enfermagem, demonstrando o impacto positivo das abordagens mais avançadas e informadas.

Esperamos que este livro sirva como uma fonte de inspiração e conhecimento para todos os profissionais de saúde, promovendo uma prática mais segura, eficaz e humanizada.

Com consideração e respeito,

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira



SUMÁRIO

CAPÍTULO 1.....10

COMO AS TÉCNICAS MAIS SIMPLES DE ENFERMAGEM PODEM REDUZIR EFICAZMENTE INFECÇÕES HOSPITALARES?

Karoline Galvão Pereira Paiva

Thays Maia Silva

Almérison Costa da Silva

Thais Rodrigues de Sousa

Thalia Bianca Dantas da Silva

Maryele Pereira Bitencourt Moura

Maria Eliane Alves de Sousa

Emanuella Silva de Melo

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

DOI: 10.47094/978-65-6036-498-1/10-19

CAPÍTULO 2.....20

ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO E CONTROLE DA INFECÇÃO EM FERIDAS OPERATÓRIAS NO ÂMBITO HOSPITALAR

Maryele Pereira Bitencourt Moura

Joelia Lopes da Silva

Cristina de Oliveira Ehrenberg

Anne Nicolay de Sousa Lisboa

Daiane Carvalho de Sousa

Amanda Castro e Silva

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira

DOI: 10.47094/978-65-6036-498-1/20-30

CAPÍTULO 3.....	31
PREVENÇÃO DE QUEDAS EM PACIENTES HOSPITALIZADOS: AVALIAÇÃO DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO E DAS MELHORES PRÁTICAS	
Antônio Jovanio de Souza Nascimento	
Rochylene Maria de Oliveira da Costa	
João Víctor Oliveira de Souza	
Antonia Eridalva de Brito Campos	
Fabiana Freire Anastacio	
José Erivelton de Souza Maciel Ferreira	
DOI: 10.47094/978-65-6036-498-1/31-43	
CAPÍTULO 4.....	44
APOIO EMOCIONAL AO PACIENTE HOSPITALIZADO: ANÁLISE DAS INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM DE DÉCADAS PASSADAS - O QUE SE MANTÉM ATUAL?	
Milena Maria da Costa Silva	
José Erivelton de Souza Maciel Ferreira	
DOI: 10.47094/978-65-6036-498-1/44-56	
CAPÍTULO 5.....	57
REFLEXÃO CRÍTICA E PENSAMENTO ANALÍTICO NA PRÁTICA DE ENFERMAGEM PARA PACIENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: DESAFIOS E AVANÇOS	
Raphaella Evangelista Diógenes	
Miliane Maria da Silva Bezerra	
Antônia Everlane Ferreira de Souza	
Francisco Clayton da Silva Franco	
José Erivelton de Souza Maciel Ferreira	
DOI: 10.47094/978-65-6036-498-1/57-70	

COMO AS TÉCNICAS MAIS SIMPLES DE ENFERMAGEM PODEM REDUZIR EFICAZMENTE INFECÇÕES HOSPITALARES?

Karoline Galvão Pereira Paiva¹;

<https://orcid.org/0000-0001-8713-7111>

Thays Maia Silva²;

Discente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC, Ceará.

Almérison Costa da Silva³;

Discente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC, Ceará.

Thais Rodrigues de Sousa⁴;

Discente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC, Ceará.

Thalia Bianca Dantas da Silva⁵;

Discente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC, Ceará.

Maryele Pereira Bitencourt Moura⁶;

<http://lattes.cnpq.br/4106191645518478>

Maria Eliane Alves de Sousa⁷;

<https://orcid.org/0009-0009-2940-1389>

Emanuella Silva de Melo⁸;

<https://lattes.cnpq.br/0000047849296300>

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira⁹.

Docente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC Ceará.

Doutorando em Enfermagem pela UNILAB, Ceará.

<https://orcid.org/0000-0003-2668-7587>

RESUMO: O objetivo deste estudo é destacar as intervenções e práticas de enfermagem mais simples para o controle e prevenção de infecções hospitalares. A assistência de enfermagem desempenha um papel crucial no controle de infecções dentro dos ambientes hospitalares, sendo vital para a segurança do paciente e a prevenção de doenças. Este artigo revisa as principais intervenções e práticas de enfermagem para um controle eficaz de infecções, enfatizando a necessidade de protocolos atualizados e educação contínua. Os enfermeiros são responsáveis por aplicar técnicas assépticas, administrar medicamentos com segurança e educar pacientes e colegas sobre controle de infecções.

As práticas essenciais incluem a higienização das mãos, o uso correto de equipamentos de proteção individual (EPIs) e a desinfecção e esterilização rigorosas. Evidências mostram que a adesão a essas práticas pode reduzir significativamente as infecções hospitalares e melhorar os resultados clínicos. O controle de infecção é crucial para proteger pacientes, especialmente aqueles com sistemas imunológicos comprometidos, e para gerenciar respostas a surtos. Este estudo utiliza uma metodologia bibliográfica para analisar a literatura sobre práticas de controle de infecção, identificando as melhores práticas e desafios. Os resultados revelam que, embora práticas fundamentais como a higienização das mãos e o uso de EPIs sejam bem conhecidas, sua implementação consistente enfrenta obstáculos como resistência à mudança, limitações de recursos e treinamento insuficiente. A revisão enfatiza a importância da educação contínua, de protocolos robustos e de uma cultura de segurança para melhorar a adesão às práticas. Superar barreiras à implementação por meio de esforços colaborativos e integração de novas tecnologias é essencial para aprimorar a segurança do paciente e a qualidade do atendimento. O estudo destaca a necessidade contínua de medidas eficazes de controle de infecção e a importância de enfrentar desafios para alcançar melhores resultados clínicos.

PALAVRAS-CHAVE: Controle de Infecção. Práticas de enfermagem. Equipamentos de Proteção Individual. Infecções Hospitalares. Segurança do Paciente.

HOW SIMPLE NURSING TECHNIQUES CAN EFFECTIVELY REDUCE HOSPITAL INFECTIONS?

ABSTRACT: The objective of this study is to highlight the simplest nursing interventions and practices for controlling and preventing hospital infections. Nursing plays a critical role in infection control within hospital settings, vital for patient safety and disease prevention. This article reviews essential nursing interventions and practices for effective infection control, emphasizing the need for updated protocols and ongoing education. Nurses are responsible for applying aseptic techniques, administering medications safely, and educating patients and colleagues about infection control. Key practices include hand hygiene, correct use of personal protective equipment (PPE), and rigorous disinfection and sterilization. Evidence shows that adhering to these practices can significantly reduce hospital-acquired infections and enhance clinical outcomes. Infection control is crucial for protecting patients, especially those with compromised immune systems, and for managing outbreak responses. This study utilizes a bibliographic methodology to analyze literature on infection control practices, identifying best practices and challenges. Findings reveal that while fundamental practices like hand hygiene and PPE use are well-known, their consistent implementation faces obstacles such as resistance to change, resource limitations, and insufficient training. The review emphasizes the importance of continuous education, robust protocols, and a culture of safety to improve practice adherence. Addressing implementation barriers through

collaborative efforts and integrating new technologies is essential for enhancing patient safety and care quality. The study underscores the ongoing need for effective infection control measures and the importance of overcoming challenges to achieve better clinical outcomes.

KEY-WORDS: Infection Control. Nursing Practices. Personal Protective Equipment. Hospital-Acquired Infections. Patient Safety.

INTRODUÇÃO

A assistência de enfermagem em controle de infecção é uma área crítica na promoção da saúde e na prevenção de doenças dentro de ambientes hospitalares. O controle de infecção visa reduzir a propagação de patógenos e proteger tanto os pacientes quanto os profissionais de saúde. A implementação efetiva de práticas de controle de infecção é essencial para a segurança do paciente, especialmente em um contexto hospitalar onde o risco de infecções é elevado devido ao contato com diversas fontes de patógenos (Oliveira et al., 2020; Souza et al., 2019).

O papel dos enfermeiros inclui a aplicação de técnicas assépticas, a administração de medicamentos com segurança e a educação contínua sobre práticas de controle de infecção. Além disso, a revisão de protocolos e a atualização constante das práticas são indispensáveis para manter um ambiente seguro e reduzir as taxas de infecções (Medeiros et al., 2021). Os enfermeiros desempenham um papel ativo na educação de pacientes e colegas de trabalho sobre a importância das práticas de controle de infecção. Isso inclui a correta higienização das mãos, o uso adequado de equipamentos de proteção e a adesão a normas de desinfecção e esterilização (Pereira et al., 2018).

Tais práticas são vitais para prevenir a transmissão de infecções, que podem causar complicações significativas e aumentar a morbidade e a mortalidade. A literatura sugere que a implementação de medidas de controle de infecção reduz a incidência de infecções hospitalares e melhora os resultados clínicos (Silva; Veríssimo, 2020; Rego; Santana; Passos, 2023).

O controle de infecção também envolve a realização de auditorias e monitoramento contínuo das práticas de controle para identificar áreas que necessitam de melhorias. A colaboração entre enfermeiros e outros profissionais de saúde é essencial para garantir que as medidas de controle de infecção sejam seguidas de forma consistente (Ribeiro; Andrade, 2018). A integração de novas tecnologias e técnicas também desempenha um papel importante na evolução das práticas de controle de infecção (Lagemann, 2019).

A integração de novas tecnologias e técnicas também desempenha um papel importante na evolução das práticas de controle de infecção. Em resumo, a assistência de enfermagem é um componente vital para a manutenção de práticas eficazes de controle de infecção, garantindo a segurança dos pacientes e a qualidade do atendimento.

O objetivo deste artigo é apontar as intervenções e práticas de enfermagem mais simples para o controle e prevenção de infecções hospitalares. Através da revisão de literatura e análise das práticas atuais, o estudo busca reforçar as estratégias mais simples e eficazes utilizadas pelos profissionais de enfermagem, avaliar a sua implementação, e discutir os desafios e impactos dessas intervenções na redução de infecções no ambiente hospitalar, mesmos sendo tão discutidas em diversos estudos.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada neste estudo é de natureza bibliográfica, com o objetivo de revisar e analisar a literatura existente sobre o controle de infecções hospitalares e as intervenções de enfermagem associadas. A pesquisa foi realizada através da busca de artigos e estudos relevantes nas fontes de dados acadêmicas, como Google Acadêmico e PubMed. A seleção dos artigos foi baseada na relevância para o tema, qualidade das evidências e atualidade das publicações.

O processo de revisão envolveu a leitura crítica dos artigos selecionados, a identificação de temas comuns e a análise das práticas e estratégias descritas. A revisão foi organizada em categorias. A análise foi realizada com base nos critérios de eficácia das intervenções e na consistência das práticas descritas na literatura.

Foram incluídos na leitura para nortear a reflexão deste manuscrito os estudos que abordam diferentes aspectos do controle de infecção, como técnicas assépticas, uso de equipamentos de proteção, e práticas de desinfecção e esterilização. A análise das evidências permitiu identificar as melhores práticas e as áreas que necessitam de melhorias. A revisão também considerou as diretrizes e normas estabelecidas por organismos de saúde para garantir que as práticas recomendadas estejam alinhadas com as recomendações atuais.

A metodologia adotada proporciona uma visão abrangente e crítica das intervenções de enfermagem no controle de infecção, permitindo a identificação de lacunas na literatura e áreas para futuras pesquisas. A abordagem bibliográfica garante que as conclusões sejam baseadas em evidências robustas e relevantes para a prática de enfermagem e o controle de infecções.

REVISÃO TEÓRICA

Importância do Controle de Infecção

A importância do controle de infecção no ambiente hospitalar não pode ser subestimada, pois está diretamente relacionada à segurança do paciente e à eficácia dos tratamentos médicos. As infecções hospitalares podem levar a complicações graves, aumentando a duração da internação e os custos associados ao tratamento (Oliveira et al., 2020). O controle efetivo dessas infecções não apenas reduz a incidência de eventos

adversos, mas também melhora a qualidade do atendimento e a satisfação do paciente (Rego, Santana, Passos, 2023). A implementação de práticas rigorosas de controle de infecção é essencial para proteger os pacientes, especialmente aqueles com sistemas imunológicos comprometidos, como os pacientes oncológicos e os que estão submetidos a procedimentos cirúrgicos (Silva, Veríssimo, 2020).

Medidas como a higienização adequada das mãos, o uso de equipamentos de proteção individual e a limpeza e desinfecção eficaz de superfícies e equipamentos são fundamentais para prevenir a transmissão de infecções (Pereira et al., 2018). Estudos mostram que a adesão a essas práticas pode reduzir significativamente a incidência de infecções associadas à assistência à saúde (Ribeiro, Andrade, 2018). Além disso, a educação contínua e o treinamento da equipe de saúde são cruciais para garantir que todos os membros do pessoal estejam cientes das práticas recomendadas e possam aplicá-las corretamente (Medeiros et al., 2021).

A importância do controle de infecção também está relacionada à capacidade de resposta a surtos e epidemias dentro do ambiente hospitalar. Uma abordagem proativa e bem coordenada permite a rápida identificação e contenção de surtos, minimizando o impacto sobre os pacientes e a operação do hospital (Lagemann, 2019). A colaboração entre enfermeiros, médicos e outros profissionais de saúde é essencial para a implementação bem-sucedida de estratégias de controle e para a manutenção de um ambiente seguro (Rego, Santana, Passos, 2023).

Além disso, a importância do controle de infecção é refletida nas regulamentações e diretrizes estabelecidas por organismos de saúde nacionais e internacionais. Essas diretrizes fornecem um quadro para as práticas de controle e asseguram que as medidas adequadas estejam em vigor para proteger os pacientes e a equipe de saúde (Oliveira et al., 2020). Em resumo, a implementação eficaz de práticas de controle de infecção é crucial para garantir a segurança do paciente, melhorar a qualidade do atendimento e promover um ambiente de saúde mais seguro e eficaz.

Papel do Enfermeiro no Controle de Infecção

O papel do enfermeiro no controle de infecção é multifacetado e envolve uma variedade de responsabilidades para garantir a segurança do paciente e a eficácia das práticas de controle. Enfermeiros são responsáveis pela aplicação de técnicas assépticas e pelo cumprimento rigoroso das normas de higiene e proteção pessoal (Gomes et al., 2023). Eles desempenham um papel crucial na prevenção da disseminação de infecções através da implementação de medidas como a higienização das mãos, o uso de luvas e a desinfecção de superfícies e equipamentos (Pereira, Nogueira, 2020).

Além das responsabilidades práticas, os enfermeiros também são responsáveis por educar pacientes e membros da equipe sobre a importância das práticas de controle de infecção. Isso inclui o treinamento contínuo da equipe de saúde sobre procedimentos de controle e a promoção de uma cultura de segurança dentro do ambiente hospitalar (Nunes, 2020). Enfermeiros devem garantir que todos os membros da equipe compreendam e sigam as diretrizes estabelecidas para minimizar o risco de infecções (Rego, Santana, Passos, 2023).

A atuação dos enfermeiros em comissões de controle de infecção hospitalar (CCIH) é fundamental para a elaboração e revisão das políticas de controle de infecção. Eles participam da formulação de protocolos, da realização de auditorias e da avaliação das práticas de controle de infecção (Rap Lagemann, 2019). Essa participação garante que as políticas estejam atualizadas e baseadas em evidências científicas recentes.

Além disso, os enfermeiros desempenham um papel vital na identificação precoce de sinais e sintomas de infecções e na implementação de medidas de isolamento quando necessário (Silva, Veríssimo, 2020). Isso inclui a monitorização contínua dos pacientes para detectar possíveis infecções e a coordenação com outras equipes de saúde para garantir um atendimento adequado (Ribeiro, Andrade, 2018). O papel do enfermeiro é essencial para a proteção dos pacientes e a manutenção de um ambiente seguro e livre de infecções.

Teoria do Controle de Infecção

A teoria do controle de infecção é amplamente respaldada por pesquisas e evidências que destacam a importância da aplicação de técnicas assépticas e da adesão a protocolos de higiene e desinfecção (Gomes et al., 2023; Nunes, 2020). O conhecimento teórico sobre as vias de transmissão de infecções, como contato direto, superfícies contaminadas e aerossóis, é fundamental para a prática eficaz do controle de infecção (Pereira, Nogueira, 2020).

A literatura revela que práticas assépticas, como a higienização das mãos e o uso de equipamentos de proteção, são essenciais para a prevenção da propagação de patógenos (Rego, Santana, Passos, 2023). A teoria da cadeia de infecção, que descreve como os patógenos se propagam e causam infecções, fornece uma base para as estratégias de controle e prevenção. Segundo a teoria, interromper qualquer elo da cadeia de infecção pode ajudar a reduzir a incidência de infecções (Rap Lagemann, 2019).

Além disso, inclui-se o conhecimento sobre a microbiologia das infecções, que ajuda os profissionais de saúde a entenderem as características dos patógenos e como eles se comportam em diferentes ambientes. Isso é crucial para a seleção de métodos de controle e desinfecção adequados (Silva, Veríssimo, 2020). As evidências científicas sugerem que a aplicação de técnicas rigorosas e a adesão a diretrizes baseadas em evidências são fundamentais para a eficácia das práticas de controle de infecção (Ribeiro, Andrade, 2018).

Os princípios de controle de infecção também são apoiados por normas e diretrizes estabelecidas por órgãos reguladores e de saúde pública. Essas diretrizes fornecem um quadro para as práticas recomendadas e garantem que as intervenções sejam baseadas em evidências atualizadas (Gomes et al., 2023). A integração de novos conhecimentos e tecnologias também desempenha um papel importante na evolução das práticas de controle de infecção, permitindo a adaptação e melhoria contínua das estratégias de prevenção (Rego, Santana, Passos, 2023).

REFLEXÃO TEÓRICA DISCURSIVA

Os resultados da revisão indicam que práticas fundamentais de controle de infecção, como a higienização das mãos, o uso adequado de equipamentos de proteção individual (EPIs) e a desinfecção e esterilização de superfícies e equipamentos, são amplamente reconhecidas como essenciais para a prevenção de infecções hospitalares. Ousa-se questionar: qual a novidade nisso? É preciso reforçar o óbvio tão discutido na literatura.

A evidência é clara: a higienização das mãos é uma das intervenções mais eficazes e custo-benefício para a redução da transmissão de patógenos. Técnicas adequadas de lavagem das mãos e o uso de desinfetantes à base de álcool são cruciais para a prevenção de infecções. Além disso, a educação contínua dos profissionais de saúde sobre a importância dessas práticas é fundamental para garantir sua adesão.

O uso apropriado de EPIs, como luvas, máscaras e aventais, também se destaca como uma medida essencial para a proteção contra a transmissão de infecções. A revisão enfatiza a importância de selecionar e utilizar corretamente esses equipamentos e de descartá-los adequadamente após o uso para prevenir a disseminação de patógenos.

A desinfecção e esterilização de superfícies e equipamentos são vitais para manter um ambiente seguro e livre de patógenos. A revisão sublinha a necessidade de uma limpeza minuciosa e da aplicação de desinfetantes eficazes, bem como a implementação rigorosa de protocolos de desinfecção e esterilização para garantir a segurança dos pacientes.

Destaca-se, ademais, a importância das práticas de controle de infecção na assistência de enfermagem e a necessidade de uma abordagem contínua e multidisciplinar para garantir a eficácia dessas práticas. A evidência sugere que a higienização das mãos, o uso adequado de EPIs e a desinfecção de superfícies são intervenções cruciais para a prevenção de infecções hospitalares.

Embora a maioria dos estudos indique que a adesão às práticas de controle de infecção pode reduzir significativamente a incidência de infecções, existem desafios na implementação consistente dessas práticas. Fatores como a falta de recursos, a resistência dos profissionais e a necessidade de treinamento contínuo podem afetar a eficácia das intervenções.

É essencial que os hospitais e instituições de saúde abordem esses desafios para garantir a adesão e a eficácia das práticas de controle. A colaboração entre enfermeiros e outros profissionais de saúde é vital para a implementação bem-sucedida das práticas de controle de infecção. A integração de novas tecnologias e a atualização contínua das práticas também são importantes para enfrentar as ameaças emergentes e melhorar os resultados clínicos.

As diretrizes e normas estabelecidas por organismos de saúde devem ser constantemente revisadas e adaptadas para refletir as melhores práticas e as evidências mais recentes. Além disso, a promoção de uma cultura de segurança e a educação contínua da equipe são essenciais para garantir a adesão às práticas de controle de infecção.

Diante de tais evidências, surge uma questão crítica: por que técnicas tão simples e bem estabelecidas, que possuem um impacto comprovado na redução de infecções, frequentemente não são seguidas de forma consistente? Esta discrepância pode ser atribuída a uma variedade de fatores, incluindo falta de treinamento adequado, resistência à mudança de práticas estabelecidas, sobrecarga de trabalho e uma possível falta de recursos.

A resistência à mudança, por exemplo, pode ocorrer devido à dificuldade em alterar hábitos enraizados ou à percepção de que certas práticas são desnecessárias. A sobrecarga de trabalho e a falta de tempo também podem levar os profissionais de saúde a negligenciarem práticas de controle de infecção, especialmente em ambientes de alta pressão.

Além disso, a implementação efetiva de práticas de controle de infecção pode ser limitada por recursos insuficientes, como a falta de suprimentos adequados ou apoio institucional. A falta de uma cultura de segurança sólida e a ausência de incentivos para a adesão a protocolos podem também contribuir para a inconsistência na aplicação dessas técnicas.

Portanto, é fundamental abordar esses desafios de forma abrangente, promovendo treinamento contínuo, desenvolvendo políticas eficazes e criando um ambiente que suporte e incentive a adesão às práticas recomendadas. Só assim será possível garantir que as técnicas comprovadas de controle de infecção sejam aplicadas de forma consistente e eficaz, reduzindo assim a incidência de infecções hospitalares e melhorando a segurança dos pacientes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A assistência de enfermagem desempenha um papel fundamental no controle de infecções hospitalares, sendo essencial para a proteção dos pacientes e a eficácia do tratamento. As intervenções e práticas preventivas, como a higienização das mãos, o uso de equipamentos de proteção individual e a educação contínua da equipe, são cruciais para

garantir a segurança do paciente e a eficácia do atendimento.

A questão central que emerge da revisão é a discrepância entre o conhecimento das práticas de controle de infecção e sua aplicação prática. Por isso, as discussões incitam os enfermeiros e demais membros da equipe de enfermagem a refletirem sobre a importância da adesão às práticas de controle de infecção e os desafios associados à sua implementação. A colaboração entre esses profissionais e outros, a integração de novas tecnologias e a promoção de uma cultura de segurança podem ser o caminho para enfrentar esses desafios e melhorar os resultados clínicos. Ademais, a implementação eficaz de medidas de controle de infecção é crucial para promover ambientes de cuidado mais seguros e eficientes.

REFERÊNCIAS

BARROS, J. B. et al. Medidas de controle de infecção hospitalar e segurança do paciente. **Journal of Infection Control**, v. 18, n. 3, p. 150-160, 2019.

FERREIRA, R. M.; SOUSA, M. S.; VIEIRA, L. M. P. A prática de controle de infecção pelos enfermeiros em unidades de terapia intensiva: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Terapia Intensiva**, v. 30, n. 2, p. 220–229, 2018.

GOMES, A. P.; TRESSENO, É. F. O. et al. Atuação da enfermagem na prevenção de infecções de sítio cirúrgico: revisão integrativa da literatura. **Revista Ibero-Americana de Enfermagem**, 2023. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/11997>.

LAGEMANN, T. D. C. V. R. Assistência de enfermagem na prevenção de infecção de sítio cirúrgico perioperatório. Disponível em: <http://repositorio.unifaema.edu.br/handle/123456789/2541>.

MEDEIROS, E. A. S., et al. Evidências científicas sobre a eficácia das práticas de controle de infecção em unidades hospitalares. **Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical**, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rsbmt/a/hYvqbs5jZqKkjPMZCR5z7Cv/?lang=pt>.

NUNES, M. B. S. **A atuação do enfermeiro no controle de infecção de sítio cirúrgico nos cuidados pré e pós-operatórios**. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/handle/1/2655>.

OLIVEIRA, A. C., et al. Enfermagem e o controle de infecção hospitalar: práticas e desafios. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-71672020000200348.

PEREIRA, A. G., et al. O papel do enfermeiro na educação e implementação de medidas de controle de infecção hospitalar. **Cogitare Enfermagem**, 2018. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/cogitare/article/view/53725>.

PEREIRA, E. J.; NOGUEIRA, M. S. Atuação do enfermeiro na prevenção da lesão por

pressão em pacientes acamados: revisão de literatura. **Revista Eletrônica Acervo**, 2020. Disponível em: <https://acervomais.com.br/index.php/saúde/article/view/3332>.

RAP LAGEMANN, T. D. C. V. **Assistência de enfermagem na prevenção de infecção de sítio cirúrgico perioperatório**. 2019. Disponível em: <http://repositorio.unifaema.edu.br/handle/123456789/2541>.

REGO, T. C. R.; SANTANA, F. F.; PASSOS, M. A. N. Atuação da enfermagem no controle da infecção hospitalar por bactérias multirresistentes: uma revisão bibliográfica. **Revista JRG de Estudos**, 2023. Disponível em: <http://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/550>.

RIBEIRO, W. A.; ANDRADE, M. Cateter venoso central na UTI pediátrica: o enfermeiro intensivista na prevenção e controle das infecções hospitalares. **Revista Pró-UniverSITÁRIA**, 2018. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/1386>.

SILVA, W. K. S.; VERÍSSIMO, T. D. C. **Infecção de sítio cirúrgico e atuação preventiva do enfermeiro perioperatório**. Disponível em: <https://repositorio.unifaema.edu.br/handle/123456789/3486>.

SOUZA, L. M., et al. Atuação dos enfermeiros na prevenção de infecções relacionadas à assistência à saúde: uma revisão integrativa. **Texto & Contexto Enfermagem**, 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/qWJL94bJ7kpDk8FNHM6qNGz/?lang=pt>.

ATUAÇÃO DA ENFERMAGEM NA PREVENÇÃO E CONTROLE DA INFECÇÃO EM FERIDAS OPERATÓRIAS NO ÂMBITO HOSPITALAR

Maryele Pereira Bitencourt Moura¹;

<http://lattes.cnpq.br/4106191645518478>

Joelia Lopes da Silva²;

Discente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC Ceará.

Cristina de Oliveira Ehrenberg³;

Discente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC Ceará.

Anne Nicoly de Sousa Lisboa⁴;

<https://orcid.org/0009-0000-3238-0827>

Daiane Carvalho de Sousa⁵;

<https://orcid.org/0000-0003-2064-384X>

Amanda Castro e Silva⁶;

Docente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC Ceará.

<https://lattes.cnpq.br/4710881376840968>

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira⁷.

Docente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC Ceará.

Doutorando em Enfermagem pela UNILAB, Ceará.

<https://orcid.org/0000-0003-2668-7587>

RESUMO: O objetivo deste manuscrito foi revisar a atuação da enfermagem na prevenção e controle de infecções em feridas operatórias no ambiente hospitalar, destacando práticas eficazes, protocolos recomendados e a importância da colaboração multidisciplinar para garantir a segurança e a recuperação dos pacientes. Feridas operatórias são uma preocupação significativa devido ao risco elevado de infecção, que pode levar a complicações como atraso na cicatrização, aumento do tempo de internação e até óbito. Este estudo de revisão bibliográfica aborda as principais práticas de enfermagem envolvidas na gestão dessas feridas. A revisão identifica a avaliação pré-operatória como essencial para a detecção de fatores de risco, e a implementação de técnicas assépticas durante a cirurgia como fundamental para prevenir infecções. Além disso, a escolha e aplicação adequadas de curativos e a monitorização contínua da ferida no pós-operatório são discutidas como medidas críticas. A revisão também enfatiza a importância da educação do paciente sobre

cuidados com a ferida e a adesão às medidas preventivas. A colaboração entre enfermeiros, cirurgiões, microbiologistas e outros profissionais de saúde é destacada como um elemento crucial para a eficácia das estratégias de controle de infecções. Através da análise de literatura existente, este estudo reforça a necessidade de protocolos rigorosos e vigilância constante para reduzir riscos e promover uma recuperação pós-operatória segura e eficaz.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem. Controle de Infecção. Feridas Operatórias. Cuidados Pós-Operatórios.

NURSING ROLE IN THE PREVENTION AND CONTROL OF INFECTIONS IN SURGICAL WOUNDS WITHIN THE HOSPITAL SETTING

ABSTRACT: The aim of this manuscript was to review the role of nursing in the prevention and control of infections in surgical wounds within the hospital setting, highlighting effective practices, recommended protocols, and the importance of multidisciplinary collaboration to ensure patient safety and recovery. Surgical wounds are a significant concern due to the high risk of infection, which can lead to complications such as delayed healing, prolonged hospitalization, and even death. This bibliographic review addresses key nursing practices involved in managing these wounds. The review identifies preoperative assessment as essential for detecting risk factors, and the implementation of aseptic techniques during surgery as crucial for preventing infections. Furthermore, appropriate selection and application of dressings and continuous wound monitoring postoperatively are discussed as critical measures. The review also emphasizes the importance of patient education on wound care and adherence to preventive measures. Collaboration among nurses, surgeons, microbiologists, and other healthcare professionals is highlighted as a crucial element for the effectiveness of infection control strategies. Through an analysis of existing literature, this study reinforces the need for rigorous protocols and constant vigilance to reduce risks and promote safe and effective postoperative recovery.

KEY-WORDS: Nursing. Infection Control. Surgical Wounds. Postoperative Care.

INTRODUÇÃO

A atuação da enfermagem na prevenção e controle de infecções em feridas operatórias é essencial para garantir a segurança e a recuperação dos pacientes submetidos a procedimentos cirúrgicos. A equipe de enfermagem desempenha um papel crucial na implementação de medidas preventivas, como a higienização adequada das mãos, o uso correto de equipamentos de proteção individual e a manutenção de um ambiente cirúrgico estéril. Além disso, a enfermagem é responsável por monitorar as condições da ferida operatória, identificar precocemente sinais de infecção e intervir prontamente para evitar complicações (LOGEMANN, 2019).

As principais diretrizes e protocolos que norteiam a prática da enfermagem na prevenção de infecções em feridas operatórias são fundamentais para garantir a qualidade do cuidado prestado aos pacientes. A adoção de medidas baseadas em evidências científicas, como a utilização de curativos estéreis, a administração adequada de antimicrobianos e o controle rigoroso da dor pós-operatória, contribui para reduzir o risco de infecções e promover uma recuperação mais rápida e eficaz (SILVA, VERÍSSIMO, 2023).

Diante desses desafios, as estratégias adotadas pela enfermagem para prevenir infecções em feridas operatórias incluem a capacitação constante dos profissionais, o desenvolvimento de protocolos institucionais atualizados e a promoção da cultura de segurança do paciente. A correta técnica de curativos, o uso racional de antimicrobianos e a vigilância epidemiológica são algumas das práticas essenciais para minimizar os riscos associados às infecções hospitalares (PEREIRA, NOGUEIRA, 2020).

A educação continuada é um pilar crucial para os profissionais de enfermagem se manterem atualizados sobre as melhores práticas na prevenção e controle de infecções em feridas operatórias. A participação em cursos, workshops e congressos especializados permite que os enfermeiros ampliem seus conhecimentos e habilidades técnicas, além de promover uma cultura organizacional voltada para a segurança do paciente (RIBEIRO, ANDRADE, 2018).

A abordagem multidisciplinar no cuidado das feridas operatórias é essencial para garantir uma assistência integral e eficaz aos pacientes. Além da enfermagem, médicos cirurgiões, fisioterapeutas, nutricionistas e outros profissionais de saúde devem trabalhar em conjunto para promover uma recuperação rápida e livre de complicações. A comunicação interprofissional e o compartilhamento de informações são fundamentais para garantir uma abordagem integrada no tratamento das feridas operatórias (GOMES, TRESSENO ET AL., 2023).

Os benefícios da atuação proativa da enfermagem na prevenção de infecções em feridas operatórias são inúmeros. Além da redução do tempo de internação hospitalar e dos custos associados ao tratamento das complicações infecciosas, a implementação efetiva das medidas preventivas contribui para melhorar a qualidade do cuidado prestado aos pacientes cirúrgicos. O engajamento da equipe de enfermagem na promoção da segurança do paciente é indispensável para garantir resultados positivos no manejo das feridas operatórias no ambiente hospitalar (REGO, SANTANA, PASSOS, 2023).

O objetivo deste manuscrito foi discutir sobre a atuação da enfermagem na prevenção e controle de infecções em feridas operatórias no âmbito hospitalar, destacando práticas eficazes, protocolos recomendados e a importância da colaboração multidisciplinar para garantir a segurança e a recuperação dos pacientes.

Justificativa

A prevenção e controle de infecções em feridas operatórias são de extrema importância para garantir a segurança e recuperação dos pacientes submetidos a procedimentos cirúrgicos. Infecções em feridas operatórias podem levar a complicações graves, como atrasos na cicatrização, prolongamento do tempo de internação e, em casos extremos, aumento da mortalidade. A atuação eficaz da equipe de enfermagem desempenha um papel indispensável nesse processo, ajudando a minimizar os riscos de complicações e promovendo uma recuperação mais rápida e bem-sucedida.

Investigar as práticas de enfermagem nesse contexto é essencial para identificar áreas de melhoria e contribuir para a qualidade dos cuidados prestados. Estudos mostram que a adoção de protocolos baseados em evidências e a capacitação contínua dos profissionais de enfermagem contribuem significativamente para a redução das taxas de infecção. Além disso, a colaboração multidisciplinar é fundamental para o manejo eficaz das feridas operatórias, garantindo uma abordagem integrada e abrangente. Portanto, este estudo se justifica pela necessidade de aprimorar as práticas de enfermagem na prevenção e controle de infecções em feridas operatórias, visando melhorar a qualidade do cuidado ofertado por essa equipe.

METODOLOGIA

Tipo de estudo

Este estudo foi conduzido por meio de uma revisão da literatura, incluindo artigos científicos, teses, dissertações e outros documentos relevantes sobre o tema. A pesquisa bibliográfica foi realizada em bases de dados eletrônicas, como PubMed, Scopus e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). Foram selecionados estudos que abordaram as práticas de enfermagem na prevenção e controle de infecções em feridas operatórias no ambiente hospitalar. Os dados foram analisados de forma crítica e os resultados foram apresentados de maneira clara e objetiva, contribuindo para a geração de conhecimento e orientações práticas para a prática clínica.

Critérios de Inclusão

- Estudos publicados nos últimos dez anos (2014-2024).
- Artigos redigidos em inglês, português ou espanhol.
- Artigos originais, revisões sistemáticas, metanálises, teses e dissertações que abordem diretamente as práticas de enfermagem na prevenção e controle de infecções em feridas operatórias no contexto hospitalar.
- Estudos realizados com pacientes submetidos a procedimentos cirúrgicos em ambientes hospitalares, incluindo unidades de internação, centros cirúrgicos e unidades de terapia

intensiva.

Critérios de Exclusão

- Artigos duplicados
- Estudos não disponíveis em texto completo.

Procedimentos de Coleta de Dados

A pesquisa bibliográfica foi realizada nas bases de dados eletrônicas PubMed, Scopus e Biblioteca Virtual em Saúde (BVS). A estratégia de busca incluiu termos específicos combinados por operadores booleanos, como “Nursing practices” ou “enfermagem”, “infection prevention” ou “prevenção de infecções”, “surgical wounds” ou “feridas operatórias” e “hospital setting” ou “ambiente hospitalar”. Um exemplo de busca no PubMed foi: (“nursing practices” OR “enfermagem”) AND (“infection prevention” OR “prevenção de infecções”) AND (“surgical wounds” OR “feridas operatórias”) AND (“hospital setting” OR “ambiente hospitalar”). Além disso, buscas manuais nas referências dos estudos selecionados foram realizadas para identificar outros estudos relevantes que não foram capturados inicialmente.

Avaliação da Qualidade Metodológica

Para assegurar a qualidade metodológica dos estudos incluídos, foi utilizada uma ferramenta de avaliação crítica, como o Critical Appraisal Skills Programme (CASP), adequada para estudos qualitativos e quantitativos. A avaliação levou em conta a clareza do objetivo de pesquisa, a adequação da metodologia, a descrição e seleção dos participantes, os métodos de coleta de dados, a análise dos dados, a validade e confiabilidade dos resultados e a relevância dos achados para a prática clínica. Os estudos foram classificados em diferentes níveis de qualidade (alta, média, baixa) e apenas aqueles com qualidade metodológica aceitável foram incluídos na revisão final.

Análise dos Dados

Os dados coletados foram analisados criticamente e apresentados de forma clara e objetiva, estruturando os resultados em seções temáticas que destacaram as principais práticas de enfermagem na prevenção e controle de infecções em feridas operatórias e as evidências de sua eficácia. Dessa forma, a revisão contribuiu para a geração de conhecimento e forneceu orientações práticas para a prática clínica em enfermagem.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Infecção em Feridas Operatórias

A correta higienização das mãos por parte dos profissionais de enfermagem desempenha um papel indispensável na prevenção de infecções em feridas operatórias. A lavagem das mãos com água e sabão, seguida da aplicação de álcool gel, é uma medida simples, porém eficaz, para reduzir a carga microbiana nas mãos dos profissionais. Estudos demonstram que a não conformidade com a higienização das mãos está associada a um aumento significativo no risco de infecções hospitalares, incluindo as infecções em feridas operatórias. Portanto, é essencial que os profissionais estejam cientes da importância dessa prática e a incorporem de forma rotineira em sua prática clínica (PEREIRA, NOGUEIRA, 2020).

A utilização de técnicas assépticas durante os procedimentos cirúrgicos é outra estratégia crucial na redução do risco de contaminação das feridas operatórias. Isso inclui o uso de aventais estéreis, luvas cirúrgicas, campos cirúrgicos estéreis e instrumentos esterilizados adequadamente. Além disso, a manutenção de um ambiente cirúrgico limpo e organizado contribui para minimizar a exposição dos pacientes a micro-organismos patogênicos. A adesão rigorosa às práticas assépticas por parte da equipe cirúrgica é essencial para garantir a segurança do paciente e prevenir complicações infecciosas pós-operatórias (NUNES, 2016).

O monitoramento constante das feridas operatórias é uma etapa crucial no processo de prevenção e controle de infecções. Os profissionais de enfermagem devem estar atentos aos sinais clínicos de infecção, como vermelhidão, inchaço, calor local e presença de secreção purulenta. O acompanhamento regular das feridas permite identificar precocemente qualquer sinal de complicação infecciosa e intervir prontamente, evitando assim o agravamento do quadro clínico do paciente. Além disso, o registro detalhado das características da ferida e da evolução do processo cicatricial é indispensável para orientar o plano terapêutico adequado (GOMES, TRESSENO et al., 2023).

O uso adequado de materiais esterilizados e descartáveis é uma medida imprescindível para evitar a transmissão de microrganismos patogênicos durante os cuidados com as feridas operatórias. A autoclavação dos instrumentos cirúrgicos, a utilização de materiais descartáveis como gazes estéreis e compressas impregnadas em antissépticos são práticas essenciais para garantir a segurança do paciente. A correta manipulação e descarte dos materiais utilizados durante os procedimentos cirúrgicos são aspectos fundamentais na prevenção da disseminação de agentes infecciosos no ambiente hospitalar (PEREIRA, NOGUEIRA, 2020).

A orientação dos pacientes quanto aos cuidados pós-operatórios desempenha um papel crucial na prevenção de complicações infecciosas em feridas operatórias. Os profissionais de enfermagem têm o papel de instruir os pacientes sobre a troca adequada dos curativos, os sinais que indicam possíveis complicações infecciosas e a administração

correta dos medicamentos prescritos pelo médico. O empoderamento do paciente no autocuidado contribui para uma recuperação mais rápida e segura após o procedimento cirúrgico, reduzindo assim o risco de infecções relacionadas à ferida operatória (SILVA, VERÍSSIMO, 2023).

A realização de educação continuada para os profissionais de enfermagem é uma estratégia indispensável para atualizá-los sobre as melhores práticas na prevenção e controle de infecções em feridas operatórias. Cursos, treinamentos e workshops que abordam temas como técnicas assépticas, higienização das mãos, manejo adequado dos materiais esterilizados e cuidados pós-operatórios são essenciais para manter os profissionais atualizados e capacitados para atuar na prevenção das infecções hospitalares. A constante busca pelo conhecimento científico contribui para elevar a qualidade da assistência prestada aos pacientes submetidos a procedimentos cirúrgicos (RIBEIRO, ANDRADE, 2018).

A comunicação eficaz entre os membros da equipe multidisciplinar é indispensável no acompanhamento dos pacientes com feridas operatórias. A integração entre médicos, enfermeiros, fisioterapeutas, nutricionistas e demais profissionais envolvidos no cuidado do paciente permite uma abordagem holística e integrada ao tratamento da ferida operatória. A troca constante de informações sobre o estado clínico do paciente, as condutas terapêuticas adotadas e as intercorrências observadas favorecem uma assistência mais eficiente e segura ao paciente. A colaboração entre os membros da equipe multidisciplinar promove uma abordagem individualizada e centrada no paciente, visando sempre o seu bem-estar e recuperação satisfatória após o procedimento cirúrgico (REGO, SANTANA, PASSOS, 2023).

Controle de Infecções em Feridas Operatórias

Durante um procedimento cirúrgico, é de extrema importância o uso de técnicas assépticas para prevenir infecções em feridas operatórias. A correta esterilização dos instrumentos cirúrgicos, a utilização de campos estéreis e a higienização adequada da equipe cirúrgica são medidas essenciais para reduzir o risco de contaminação. Além disso, a manutenção de um ambiente controlado e livre de micro-organismos patogênicos contribui significativamente para a segurança do paciente durante o procedimento (LAGEMANN, 2019).

O monitoramento constante da ferida operatória é indispensável para identificar precocemente sinais de infecção, como vermelhidão, inchaço e secreção purulenta. A equipe de enfermagem desempenha um papel crucial nesse processo, realizando avaliações periódicas da ferida e comunicando qualquer alteração ao restante da equipe de saúde. O diagnóstico precoce de uma infecção permite a intervenção imediata e o tratamento adequado, minimizando complicações e promovendo a recuperação do paciente (NUNES, 2016).

A correta utilização de curativos e materiais estéreis é essencial para proteger a ferida operatória e evitar contaminações. A escolha do curativo adequado, levando em consideração as características da ferida e as necessidades específicas do paciente, é indispensável para garantir a eficácia do tratamento. Além disso, a troca regular dos curativos conforme orientação médica contribui para manter a integridade da ferida e prevenir possíveis complicações (GOMES, TRESSENO et al., 2023).

A higienização das mãos por parte dos profissionais de saúde antes e depois do contato com a ferida operatória é uma medida simples, mas indispensável na prevenção de infecções. A lavagem das mãos com água e sabão ou a utilização de soluções antissépticas reduz significativamente o risco de transmissão de micro-organismos patogênicos. O cumprimento rigoroso das práticas de higiene das mãos contribui para a segurança do paciente e para a qualidade dos cuidados prestados pela equipe de saúde (LAGEMANN, 2019).

A orientação aos pacientes quanto aos cuidados com a ferida operatória após a alta hospitalar é essencial para garantir uma recuperação adequada. Instruções claras sobre a troca de curativos, os sinais de alerta que indicam possíveis complicações e os cuidados gerais com a ferida são fundamentais para promover a autonomia do paciente no autocuidado. A enfermagem desempenha um papel crucial nesse processo, fornecendo informações precisas e orientações personalizadas conforme as necessidades individuais de cada paciente (NUNES, 2016).

A atuação da enfermagem na educação dos demais profissionais de saúde sobre as melhores práticas para prevenção e controle de infecções em feridas operatórias é indispensável para garantir a segurança dos pacientes. A disseminação do conhecimento atualizado sobre técnicas assépticas, cuidados com curativos e higiene das mãos contribui para padronizar os procedimentos e minimizar o risco de infecções nos pacientes. O papel educativo da enfermagem fortalece o trabalho em equipe e promove uma cultura institucional voltada para a segurança do paciente (REGO, SANTANA, PASSOS, 2023).

Higienização das Mãos e Técnicas Assépticas

Os resultados da revisão da literatura destacaram a importância crucial da higienização das mãos e da adoção de técnicas assépticas na prevenção de infecções em feridas operatórias. A correta higienização das mãos por parte dos profissionais de saúde, tanto antes quanto depois do contato com a ferida operatória, mostrou-se fundamental para reduzir o risco de transmissão de micro-organismos patogênicos (PEREIRA, NOGUEIRA, 2020). Além disso, a utilização de técnicas assépticas durante os procedimentos cirúrgicos, como a esterilização adequada dos instrumentos cirúrgicos e a manutenção de um ambiente cirúrgico limpo e organizado, contribuiu significativamente para minimizar a contaminação das feridas operatórias e promover a segurança do paciente durante o procedimento (NUNES, 2016).

Monitoramento Constante da Ferida Operatória

A revisão também ressaltou a importância do monitoramento constante das feridas operatórias na identificação precoce de sinais de infecção. Os profissionais de enfermagem desempenham um papel crucial nesse processo, realizando avaliações periódicas da ferida e comunicando qualquer alteração ao restante da equipe de saúde (GOMES, TRESSENO et al., 2023). O diagnóstico precoce de uma infecção permite a intervenção imediata e o tratamento adequado, minimizando complicações e promovendo a recuperação do paciente.

Utilização Adequada de Curativos e Materiais Estéreis

Outro resultado importante foi a ênfase na utilização adequada de curativos e materiais estéreis para proteger a ferida operatória e evitar contaminações. A escolha do curativo adequado, levando em consideração as características da ferida e as necessidades específicas do paciente, mostrou-se essencial para garantir a eficácia do tratamento (SILVA, VERÍSSIMO, 2023). Além disso, a troca regular dos curativos conforme orientação médica contribuiu para manter a integridade da ferida e prevenir possíveis complicações.

Educação dos Pacientes e Profissionais de Saúde

A revisão destacou ainda a importância da orientação aos pacientes quanto aos cuidados com a ferida operatória após a alta hospitalar. Instruções claras sobre a troca de curativos, os sinais de alerta que indicam possíveis complicações e os cuidados gerais com a ferida foram fundamentais para promover a autonomia do paciente no autocuidado (RIBEIRO, ANDRADE, 2018). Além disso, a atuação da enfermagem na educação dos demais profissionais de saúde sobre as melhores práticas para prevenção e controle de infecções em feridas operatórias foi crucial para garantir a segurança dos pacientes e promover uma cultura institucional voltada para a segurança do paciente (REGO, SANTANA, PASSOS, 2023).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados da revisão destacam a importância da atuação da enfermagem na prevenção e controle de infecções em feridas operatórias, evidenciando a eficácia de medidas como a higienização das mãos, o monitoramento constante das feridas, a utilização adequada de curativos e materiais estéreis, bem como a orientação aos pacientes e profissionais de saúde. Essas práticas desempenham um papel crucial na promoção da segurança do paciente e na redução do risco de complicações infecciosas em ambiente hospitalar.

Ao longo desta pesquisa, evidenciou-se a relevância de medidas como a higienização adequada das mãos, a utilização de técnicas assépticas durante os procedimentos cirúrgicos, o monitoramento constante das feridas operatórias, a escolha adequada de curativos e materiais estéreis, bem como a orientação tanto aos pacientes quanto aos demais profissionais de saúde.

Os resultados destacaram que a implementação efetiva dessas práticas contribui significativamente para reduzir o risco de infecções em feridas operatórias e promover uma recuperação mais rápida e segura dos pacientes. A educação contínua dos profissionais de enfermagem, o trabalho em equipe multidisciplinar e a adoção de protocolos institucionais atualizados são aspectos fundamentais para garantir a eficácia dessas estratégias.

A atuação proativa da enfermagem na prevenção e controle de infecções em feridas operatórias desempenha um papel crucial na promoção da segurança do paciente e na melhoria da qualidade dos cuidados prestados em ambiente hospitalar. É essencial que as instituições de saúde valorizem e incentivem o desenvolvimento contínuo dessas práticas, visando sempre o bem-estar e a recuperação satisfatória dos pacientes cirúrgicos.

REFERÊNCIAS

GOMES, A. P.; TRESSENO, É. F. O.; et al. Atuação da enfermagem na prevenção de infecções de sítio cirúrgico: revisão integrativa da literatura. **Revista Ibero-Americana de Enfermagem**, 2023. Disponível em: <<https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/11997>>.

NUNES, M. B. S. **A atuação do enfermeiro no controle de infecção de sítio cirúrgico nos cuidados pré e pós-operatórios**. Disponível em: <<https://app.uff.br/riuff/handle/1/2655>>.

PEREIRA, E. J.; NOGUEIRA, M. S. Atuação do enfermeiro na prevenção da lesão por pressão em pacientes acamados: revisão de literatura. **Revista Eletrônica Acervo**, 2020. Disponível em: <<https://acervomais.com.br/index.php/saude/article/view/3332>>.

LAGEMANN, T. D. C. V. R. **Assistência de enfermagem na prevenção de infecção de sítio cirúrgico perioperatório**. 2019. Disponível em: <<http://repositorio.unifaema.edu.br/handle/123456789/2541>>.

REGO, T. C. R.; SANTANA, F. F.; PASSOS, M. A. N. Atuação da enfermagem no controle da infecção hospitalar por bactérias multirresistentes: uma revisão bibliográfica. **Revista JRG de Estudos**, 2023. Disponível em: <<http://revistajrg.com/index.php/jrg/article/view/550>>.

RIBEIRO, W. A.; ANDRADE, M. Cateter venoso central na UTI pediátrica: o enfermeiro intensivista na prevenção e controle das infecções hospitalares. **Revista Pré-universitária**, 2018. Disponível em: <<http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RPU/article/view/1386>>.

SILVA, W. K. S.; VERÍSSIMO, T. D. C. **Infecção de sítio cirúrgico e atuação preventiva do enfermeiro perioperatório**. Disponível em: <<https://repositorio.unifaema.edu.br/handle/123456789/3486>>.

PREVENÇÃO DE QUEDAS EM PACIENTES HOSPITALIZADOS: AVALIAÇÃO DO PERFIL EPIDEMIOLÓGICO E DAS MELHORES PRÁTICAS

Antônio Jovanio de Souza Nascimento¹;

<https://orcid.org/0009-0001-4129-6077>

Rochylene Maria de Oliveira da Costa²;

<https://orcid.org/0009-0004-7245-0286>

João Vítor Oliveira de Souza³;

Discente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC, Ceará.

Antonia Eridalva de Brito Campos⁴;

Enfermeira graduada pela UNINASSAU, Ceará.

Fabiana Freire Anastacio⁵;

<http://lattes.cnpq.br/8520097291806874>

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira⁶.

Docente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC Ceará.

Doutorando em Enfermagem pela UNILAB, Ceará.

<https://orcid.org/0000-0003-2668-7587>

RESUMO: Para analisar o perfil epidemiológico das quedas em pacientes hospitalizados e identificar as estratégias preventivas mais eficazes para melhorar a segurança do paciente e reduzir as complicações relacionadas às quedas, foi realizada uma revisão abrangente da literatura e dos dados existentes. Esta revisão avaliou a prevalência, os fatores de risco e as consequências das quedas em ambientes hospitalares e examinou as medidas preventivas atuais e sua eficácia. Os resultados revelam que os adultos mais velhos, especialmente aqueles com mais de 65 anos, são os mais afetados, com uma incidência mais alta observada entre as mulheres. Os fatores de risco incluem tanto perigos ambientais, como pisos escorregadios e iluminação inadequada, quanto fatores intrínsecos relacionados ao envelhecimento e condições de saúde preexistentes. As quedas frequentemente resultam em lesões físicas graves e prolongamento das internações hospitalares, destacando a necessidade de estratégias de prevenção eficazes. A prevenção de quedas em pacientes hospitalizados é crucial para melhorar a segurança do paciente e reduzir a morbidade e mortalidade associadas. A implementação de protocolos de prevenção de quedas baseados em evidências e a avaliação contínua de sua eficácia são essenciais para minimizar riscos. Intervenções proativas da equipe de enfermagem, adesão a diretrizes de segurança e

medidas preventivas direcionadas contribuem significativamente para a redução dos incidentes de quedas e a melhoria do atendimento ao paciente.

PALAVRAS-CHAVE: Quedas hospitalares. Segurança do paciente. Prevenção de quedas. Fatores de risco. Estratégias preventivas

FALL PREVENTION IN HOSPITALIZED PATIENTS: ASSESSMENT OF THE EPIDEMIOLOGICAL PROFILE AND BEST PRACTICES

ABSTRACT: To analyze the epidemiological profile of falls among hospitalized patients and identify the most effective preventive strategies to enhance patient safety and reduce fall-related complications. A comprehensive review of literature and existing data was conducted to assess the prevalence, risk factors, and consequences of falls in hospital settings. This review also examined current preventive measures and their effectiveness in mitigating fall risks. The epidemiological profile of falls reveals that older adults, particularly those over 65 years of age, are most affected, with a higher incidence observed among women. Risk factors include both environmental hazards, such as slippery floors and poor lighting, and intrinsic factors related to aging and pre-existing health conditions. Falls often lead to severe physical injuries and prolonged hospital stays, highlighting the need for effective prevention strategies. Preventing falls in hospitalized patients is critical for improving patient safety and reducing associated morbidity and mortality. Implementing evidence-based fall prevention protocols and continuously evaluating their effectiveness are essential for minimizing risks. Proactive nursing interventions, adherence to safety guidelines, and targeted preventive measures significantly contribute to reducing fall incidents and enhancing overall patient care.

KEY-WORDS: Hospital falls. Patient safety. Fall prevention. Risk factors. Preventive strategies

INTRODUÇÃO

A busca incessante pela qualidade assistencial e pela segurança do paciente tem se tornado uma prioridade nos serviços de saúde em todo o mundo. A segurança do paciente é um pilar essencial para a qualidade da assistência médica, e eventos adversos, como quedas durante a internação hospitalar, destacam-se como questões de grande preocupação. Leitão (2016) aponta que a incidência de eventos adversos na assistência médica é significativa, afetando uma em cada dez pessoas atendidas. Dentre esses eventos, as quedas representam um problema crítico que pode ter consequências graves para os pacientes e para a gestão hospitalar.

As quedas hospitalares não só causam danos físicos imediatos, como também têm o potencial de gerar impactos psicológicos significativos nos pacientes. Além disso, esses eventos adversos podem levar a desafios adicionais para a gestão hospitalar, incluindo o aumento do tempo de internação e dos custos de tratamento. A segurança do paciente é, portanto, um aspecto fundamental a ser monitorado e aprimorado constantemente para garantir a eficácia e a qualidade dos cuidados.

A relevância das quedas no ambiente hospitalar é amplificada pelas consequências adversas que podem afetar pacientes, equipe e a instituição como um todo. Segundo Pasa (2014), as quedas podem desqualificar o cuidado prestado, resultar em lesões físicas graves e traumas psicológicos, e prolongar o tempo de internação dos pacientes. Esses efeitos podem também impactar negativamente a reintegração do paciente à família e à sociedade, evidenciando a necessidade de estratégias de prevenção eficazes.

Estudos recentes indicam uma prevalência considerável de quedas entre pacientes hospitalizados, com taxas que variam de quase 0% a 10%, e uma média de 4,8%. As quedas mais comuns ocorrem do leito e de própria altura, com a maioria dos incidentes sendo registrada em unidades clínicas médicas e cirúrgicas. Esses dados ressaltam a urgência de implementar e aperfeiçoar estratégias preventivas direcionadas a essas áreas específicas.

Leitão (2016) destaca que as quedas hospitalares são um problema de saúde pública global e estão entre as principais causas de morbimortalidade em todo o mundo. A necessidade de compreender o perfil epidemiológico das quedas é crucial para desenvolver e aplicar estratégias eficazes de prevenção e controle. A identificação dos fatores de risco e a análise dos padrões de ocorrência podem contribuir significativamente para a redução da incidência de quedas.

A presente pesquisa visa responder à indagação sobre qual é o perfil epidemiológico das quedas em pacientes hospitalizados e como as estratégias preventivas podem ser aprimoradas. O objetivo é investigar detalhadamente o perfil das quedas, analisando suas causas, características e consequências. Além disso, busca-se avaliar a eficácia das estratégias preventivas atualmente adotadas e identificar áreas para melhorias.

Com base na revisão de literatura e na análise de dados disponíveis, esta pesquisa pretende fornecer informações valiosas. Ao abordar as causas e características das quedas, bem como a eficácia das intervenções, o estudo visa contribuir para a promoção de um ambiente hospitalar mais seguro e para a redução dos eventos adversos relacionados.

Dessa forma, o trabalho pretende oferecer recomendações fundamentadas que possam ser utilizadas para aprimorar as políticas e práticas de prevenção de quedas em ambientes hospitalares, promovendo a segurança e a qualidade do atendimento ao paciente. O impacto esperado é uma melhoria significativa na redução da incidência de quedas e na promoção da segurança do paciente, beneficiando tanto os indivíduos atendidos quanto as instituições de saúde.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As quedas em pacientes hospitalizados representam um desafio significativo para os sistemas de saúde em todo o mundo, levando a consequências adversas para os pacientes e ao aumento dos custos de saúde. Laus et al. (2014) destaca que a busca incessante pela qualidade na área da saúde é um ideal almejado por todos os profissionais do campo. No entanto, a prática diária da enfermagem enfrenta diversas possibilidades de eventos adversos ou iatrogênicos. O conceito de segurança do paciente refere-se à prevenção de eventos evitáveis que possam ocorrer durante o atendimento médico, incluindo situações que possam causar danos aos pacientes (Prates et al., 2014). Esses eventos podem manifestar-se sem causar danos, resultar em danos (eventos adversos) ou representar potenciais situações de risco (quase acidentes). Dessa forma, um evento adverso caracteriza-se por desvios do curso normal esperado, podendo acarretar consequências imprevisíveis para os pacientes, as organizações profissionais e os prestadores de serviços.

Segundo Silva (2020), a queda é definida como o deslocamento não intencional do corpo para um nível inferior à posição inicial e é influenciada pela interação de fatores de risco intrínsecos e extrínsecos. Os fatores intrínsecos incluem envelhecimento fisiológico, morbidades e déficits no sistema musculoesquelético, audição, visão e histórico de quedas anteriores. Já os fatores extrínsecos derivam dos riscos ambientais, como condições do piso, iluminação deficiente e calçados inadequados. Esse evento adverso é um dos principais desafios para a segurança do paciente, tendo em vista suas consequências negativas na mobilidade e até mesmo na mortalidade, especialmente em idosos. Estudos revelam índices de queda que variam de 1,4 a 10,7 e 1,4 a 17,9 para cada 1.000 pacientes por dia, respectivamente (Silva, 2020).

A importância de abordar as quedas hospitalares é evidenciada por Correa et al. (2012), que ressaltam que os eventos adversos ou erros são uma realidade nas instituições de saúde, especialmente nos hospitais, mas muitas vezes são subestimados e pouco valorizados pela equipe multiprofissional devido às implicações ético-legais associadas. Entre esses eventos, as quedas têm sido destacadas como uma iatrogenia significativa, dada a imprevisibilidade de suas consequências para pacientes, equipes de enfermagem e instituições.

Laus et al. (2014) aponta que, em 1983, o Conselho Nacional de Segurança dos Estados Unidos identificou as quedas como a principal causa de acidentes fatais em pessoas com mais de 74 anos. No ano seguinte, mais de 680.000 quedas foram registradas em hospitais americanos, representando um custo direto e indireto de cerca de US\$ 75 a 100 bilhões anualmente. As fraturas ósseas, traumatismos e outras lesões resultantes das quedas podem limitar a vida do indivíduo de várias maneiras, evidenciando a necessidade de um corpo de conhecimentos sobre a temática para subsidiar o gerenciamento da assistência de enfermagem e a implementação de medidas preventivas (Laus et al., 2014).

O perfil epidemiológico das quedas em pacientes hospitalizados revela uma população vulnerável e de risco, com idade avançada e sexo feminino sendo fatores predominantes. Pacientes idosos, especialmente aqueles acima de 65 anos, são mais propensos a quedas devido ao declínio da função física e do equilíbrio relacionado à idade (INTO, 2024). As mulheres também apresentam maior risco de quedas em comparação aos homens, possivelmente devido a diferenças na densidade óssea e na massa muscular. De acordo com a OMS, cerca de 646.000 indivíduos morrem a cada ano devido a quedas, com os adultos acima de 65 anos sendo os mais afetados (Dalcin, 2020).

Almeida (2023) destaca que os fatores de risco comuns que contribuem para quedas em ambientes hospitalares incluem riscos ambientais, como pisos escorregadios ou iluminação inadequada, fatores relacionados ao paciente, como comorbidades (por exemplo, demência, doença de Parkinson) e medicamentos (por exemplo, sedativos, diuréticos), e deficiências cognitivas. As consequências das quedas são substanciais, variando desde lesões físicas, como fraturas e traumatismo cranioencefálico, até sofrimento psicológico e internações prolongadas, o que coloca pressão adicional sobre os recursos de saúde.

A avaliação de risco para quedas deve considerar tanto os fatores extrínsecos quanto os intrínsecos, como sugerido por Nakamura et al. (2019). A importância de uma abordagem abrangente para a prevenção de quedas é ressaltada por Prates et al. (2014), que destacam a necessidade de estratégias e práticas eficazes para melhorar a segurança do paciente e a qualidade da assistência. As Metas Internacionais de Segurança da The Joint Commission e da OMS, por exemplo, incluem a redução do risco de quedas como uma prioridade para instituições em busca de acreditação.

Severo (2014) aponta que vários fatores influenciam as quedas em pacientes hospitalizados, incluindo elementos ambientais, relacionados ao paciente e à equipe. Arsie (2021) sugere a adoção de medidas práticas para prevenir quedas, como o uso de móveis adequados e a instalação de iluminação próxima à cama. A enfermagem gerontológica deve focar na prevenção, reabilitação e manutenção do bem-estar dos idosos, conforme Sena (2020), que destaca a importância de rondas deliberadas e a avaliação contínua do risco.

Finalmente, Silva (2020) menciona que a Portaria nº 2.095, de 2013, no Brasil, aprovou os Protocolos Básicos de Segurança do Paciente, incluindo o protocolo de prevenção de quedas, visando diminuir as quedas de pacientes hospitalizados. A eficácia das intervenções para prevenção de quedas requer uma abordagem multifacetada, incorporando diretrizes baseadas em evidências e a implementação rigorosa de estratégias preventivas, conforme destacado por Sena (2020).

A fundamentação apresentada reflete a necessidade de uma abordagem complexa e integrada para prevenir quedas em ambientes hospitalares, especialmente entre os idosos. A atuação proativa da equipe de enfermagem e a adoção de medidas baseadas em evidências são cruciais para promover a segurança do paciente e reduzir as taxas de

morbimortalidade associadas às quedas.

METODOLOGIA

A presente revisão de literatura do tipo narrativo visa analisar e sintetizar as evidências disponíveis sobre a prevenção e manejo de quedas em pacientes hospitalizados, com um foco particular na população idosa. A metodologia adotada envolve uma abordagem qualitativa e descritiva, tendo como objetivo fornecer uma visão abrangente sobre o tema, identificando lacunas na pesquisa e propondo direções para futuras investigações. A escolha do tipo narrativo se justifica pela sua capacidade de integrar e discutir de forma crítica os achados de diferentes estudos, permitindo uma compreensão mais holística das práticas e desafios na prevenção de quedas.

A pesquisa foi conduzida a partir da seleção de artigos e estudos relevantes publicados em periódicos acadêmicos e fontes especializadas na área da saúde e enfermagem. Utilizou-se uma estratégia de busca abrangente em bases de dados como PubMed, Scopus, e Google Scholar, com palavras-chave relacionadas a “quedas hospitalares”, “prevenção de quedas”, “segurança do paciente” e “cuidados geriátricos”. A inclusão de estudos foi baseada na relevância para o tema, qualidade metodológica e atualidade das evidências. Foram considerados artigos empíricos, revisões sistemáticas e diretrizes clínicas que abordassem a temática das quedas e suas implicações para a prática de enfermagem.

Os critérios de inclusão envolveram a seleção de estudos que fornecessem informações detalhadas sobre os fatores de risco associados às quedas, estratégias preventivas e intervenções de manejo em ambientes hospitalares. Estudos que abordaram especificamente a população idosa foram priorizados, devido à sua alta vulnerabilidade a quedas e suas consequências. A análise dos artigos focou em identificar os principais fatores de risco, as práticas recomendadas para a prevenção e as lacunas existentes nas intervenções e nas diretrizes atuais.

Dentre os 30 artigos encontrados, 14 foram considerados relevantes e incluídos no estudo. Os outros 16 artigos foram excluídos devido ao seu alinhamento inadequado com o escopo definido da revisão. A exclusão desses artigos garantiu que o estudo se mantivesse focado e relevante para a investigação proposta. Após a remoção das duplicatas, foi realizada uma análise preliminar com base nos títulos e resumos dos artigos restantes.

A análise preliminar permitiu uma triagem inicial dos artigos, possibilitando a identificação dos mais promissores para uma avaliação mais aprofundada. Os artigos selecionados foram então lidos na íntegra para verificar a adequação aos objetivos da revisão. Esta etapa foi fundamental para assegurar que apenas os estudos que atendiam aos critérios de qualidade e relevância fossem incluídos na análise final.

O processo de seleção resultou na inclusão dos 14 artigos que melhor atenderam aos objetivos do estudo. Estes artigos foram escolhidos com base em sua relevância para a temática das quedas em pacientes hospitalizados, a robustez metodológica e a atualidade das evidências apresentadas. A análise desses artigos foi conduzida com foco em identificar fatores de risco associados às quedas, estratégias preventivas eficazes e lacunas nas práticas existentes.

A revisão narrativa permite uma análise crítica e a comparação dos achados, destacando a variedade de abordagens e resultados encontrados na literatura. Assim, foi possível identificar padrões comuns e divergências entre os estudos, o que contribuiu para uma compreensão mais profunda das práticas de prevenção de quedas e das barreiras enfrentadas pelas equipes de saúde. Além disso, foram discutidos os impactos das quedas na qualidade de vida dos pacientes, o custo associado e as implicações éticas e legais para as instituições de saúde.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os achados da revisão indicam a necessidade de uma abordagem multifacetada para a prevenção de quedas, que inclui a implementação de protocolos de segurança, a adaptação do ambiente hospitalar e a educação contínua da equipe de enfermagem. Foram identificados vários métodos e estratégias que têm sido eficazes na redução de quedas, mas também foram evidenciadas áreas onde a implementação e a adesão às diretrizes ainda são insuficientes. Essas observações ressaltam a importância de uma prática baseada em evidências e a necessidade de revisões periódicas das estratégias preventivas.

A metodologia narrativa também permitiu uma discussão sobre as implicações para a prática clínica e a necessidade de uma abordagem colaborativa entre diferentes profissionais de saúde. Foi possível destacar a importância de medidas como a realização de rondas regulares, a avaliação contínua dos riscos e a personalização das intervenções conforme as necessidades específicas dos pacientes. A revisão revelou que, apesar das estratégias existentes, ainda há uma lacuna significativa na aplicação uniforme de medidas preventivas em diversos contextos hospitalares.

Por fim, a revisão de literatura do tipo narrativo conclui com a identificação de recomendações para futuras pesquisas, que devem incluir a investigação de novas intervenções e a avaliação de suas efetividades em diferentes configurações hospitalares. A integração de novas tecnologias e métodos de monitoramento também é sugerida como uma área promissora para a prevenção de quedas. A abordagem narrativa proporcionou uma visão detalhada e crítica, facilitando a compreensão das complexidades envolvidas na prevenção de quedas e sugerindo caminhos para o aprimoramento contínuo das práticas de cuidado.

Perfil Epidemiológico das Quedas em Pacientes Hospitalizados

Arevisão de literatura revelou que as quedas em pacientes hospitalizados representam um desafio substancial para os sistemas de saúde, com uma prevalência notável entre a população idosa. Dados epidemiológicos mostram que pacientes com mais de 65 anos são os mais afetados por quedas durante a hospitalização. Este padrão é bem documentado, pois o envelhecimento está frequentemente associado ao declínio das funções físicas e ao comprometimento do equilíbrio, fatores que aumentam significativamente o risco de quedas (Into, 2024). O envelhecimento fisiológico contribui para alterações no sistema musculoesquelético e na capacidade de reação, o que torna os idosos particularmente vulneráveis a esse evento adverso.

Além da idade avançada, a literatura indica que o sexo feminino também é um fator de risco significativo para quedas hospitalares. Estudos mostram que as mulheres tendem a sofrer quedas com maior frequência do que os homens, o que pode ser atribuído a diferenças na densidade óssea e na massa muscular, assim como a maior prevalência de condições como osteoporose (Dalcin, 2020). A fragilidade óssea e a redução da força muscular nas mulheres idosas agravam o impacto das quedas, tornando-as mais suscetíveis a lesões graves.

Os resultados da revisão também revelaram que a combinação de idade avançada e sexo feminino não é apenas uma coincidência, mas reflete uma interação complexa entre fatores biológicos e ambientais que influenciam o risco de quedas. Por exemplo, a deterioração das habilidades motoras e a diminuição da capacidade de manter o equilíbrio são mais acentuadas em pacientes idosos, especialmente nas mulheres, o que eleva o risco de eventos adversos. Esses fatores são essenciais para entender a magnitude do problema e a necessidade de intervenções específicas para esses grupos de risco.

Diante desse cenário, a implementação de estratégias de prevenção de quedas deve considerar essas características epidemiológicas. Protocolos direcionados para idosos e para pacientes femininos, junto com a avaliação contínua dos riscos individuais, podem melhorar significativamente a segurança dos pacientes hospitalizados. Medidas como a adaptação do ambiente hospitalar, a formação contínua da equipe de saúde e o uso de ferramentas de avaliação de risco são fundamentais para mitigar os impactos das quedas e garantir a segurança dos pacientes durante a internação.

Fatores de Risco e Consequências das Quedas

A análise dos fatores de risco associados às quedas em ambientes hospitalares destaca uma complexa interação entre aspectos ambientais e intrínsecos. Entre os fatores ambientais, pisos escorregadios e iluminação inadequada são frequentemente citados como contribuintes significativos para a ocorrência de quedas. Ambientes hospitalares com superfícies escorregadias, muitas vezes devido ao uso de produtos de limpeza ou à

presença de fluidos corporais, juntamente com áreas mal iluminadas, representam perigos reais que aumentam o risco de quedas (Almeida, 2023). Esses riscos ambientais são agravados por uma falta de manutenção e pela negligência em adaptar os ambientes para atender às necessidades específicas dos pacientes.

Além dos fatores ambientais, os aspectos intrínsecos do paciente desempenham um papel crucial na suscetibilidade a quedas. O envelhecimento, que resulta em perda de força muscular, flexibilidade e equilíbrio, é um dos principais fatores intrínsecos. Além disso, condições de saúde preexistentes, como doenças crônicas e déficits no sistema musculoesquelético, contribuem para a instabilidade e o risco de quedas (Silva, 2020). Pacientes com problemas de visão, audição ou habilidades motoras comprometidas estão em maior risco de sofrer quedas devido a sua capacidade reduzida de detectar e reagir a perigos potenciais.

As consequências das quedas são multifacetadas e frequentemente graves. Lesões físicas, como fraturas e traumatismo cranioencefálico, são comuns e podem resultar em complicações adicionais, incluindo a necessidade de procedimentos cirúrgicos e reabilitação prolongada (Almeida, 2023). Além das lesões físicas, as quedas têm um impacto psicológico significativo, contribuindo para o sofrimento emocional e a perda de confiança dos pacientes em sua própria capacidade de se mover com segurança. O prolongamento da internação e o aumento dos custos associados ao tratamento de complicações decorrentes de quedas também são consequências notáveis, refletindo a necessidade urgente de estratégias eficazes de prevenção e gerenciamento.

A compreensão desses fatores e consequências é essencial para a implementação de medidas preventivas eficazes. A adoção de práticas para melhorar a segurança ambiental e a atenção individualizada aos fatores intrínsecos dos pacientes pode reduzir significativamente o risco de quedas e suas graves repercussões. A abordagem integrada que inclui a formação contínua da equipe de saúde e a adaptação dos ambientes hospitalares é fundamental para mitigar os riscos e proteger a segurança dos pacientes.

Importância da Prevenção de Quedas

A prevenção de quedas é fundamental para garantir a segurança do paciente e reduzir a morbimortalidade associada a esses eventos adversos. As quedas hospitalares podem resultar em sérias complicações, como fraturas, traumatismos cranioencefálicos e aumento da permanência hospitalar, além de afetar significativamente a qualidade de vida dos pacientes. Dada a gravidade das consequências e o impacto nos recursos de saúde, a implementação de protocolos de segurança específicos, como os de prevenção de quedas, é crucial (Silva, 2020).

A revisão evidenciou que a eficácia dos protocolos de prevenção depende fortemente da proatividade e do engajamento da equipe de enfermagem. A equipe deve estar bem treinada e atualizada sobre as melhores práticas e diretrizes baseadas em evidências, que incluem estratégias para identificar e mitigar riscos de quedas antes que ocorram (Sena, 2020). Esses protocolos podem envolver avaliações sistemáticas do risco de quedas para cada paciente, adaptações no ambiente hospitalar, e a utilização de dispositivos de segurança como barras de apoio e sinalizações adequadas.

Além disso, a implementação bem-sucedida de estratégias de prevenção de quedas requer uma abordagem colaborativa e integrada entre os diferentes membros da equipe de saúde, incluindo médicos, enfermeiros e terapeutas. O envolvimento de todos os profissionais é essencial para garantir que as intervenções sejam adaptadas às necessidades individuais dos pacientes e que os protocolos sejam seguidos rigorosamente. A promoção de uma cultura de segurança e a constante revisão das práticas de prevenção também são aspectos chave para a eficácia das medidas implementadas.

Portanto, a prevenção de quedas não só melhora a segurança do paciente e reduz a morbidade e mortalidade, mas também contribui para a eficiência dos serviços de saúde, minimizando custos adicionais e melhorando a experiência do paciente durante a internação. A implementação de protocolos robustos e a formação contínua da equipe são passos indispensáveis para criar um ambiente hospitalar mais seguro e eficaz.

Implementação de Medidas Preventivas e Avaliação de Eficácia

A implementação de medidas preventivas contra quedas requer uma abordagem multifacetada que aborde tanto os fatores de risco ambientais quanto os intrínsecos aos pacientes. Os protocolos de prevenção devem ser adaptados às características individuais dos pacientes e às condições específicas de cada ambiente hospitalar (Arsie, 2021). Entre as medidas preventivas recomendadas estão a avaliação regular do risco de quedas, ajustes no ambiente hospitalar, e o uso de dispositivos de segurança.

A eficácia dessas intervenções deve ser monitorada continuamente para garantir que estejam atingindo seus objetivos e adaptadas às necessidades em constante mudança dos pacientes. O processo de avaliação inclui a revisão de incidentes de queda, análise de dados sobre a eficácia das medidas adotadas e ajustes nas práticas conforme necessário (Arsie, 2021). Isso pode envolver a coleta de feedback de pacientes e profissionais de saúde, além da análise de métricas como a frequência de quedas e a gravidade das lesões associadas.

Uma medida específica identificada como eficaz é a realização de rondas deliberadas nos quartos e enfermarias. Essas rondas, como sugerido por Sena (2020), permitem a identificação precoce de potenciais riscos e problemas que poderiam levar a quedas. Durante essas rondas, a equipe de enfermagem pode verificar se os dispositivos de segurança

estão em funcionamento, se o ambiente está livre de obstáculos e se os pacientes estão cientes das práticas de segurança recomendadas.

Além disso, a educação contínua da equipe de saúde sobre as melhores práticas para a prevenção de quedas é essencial para o sucesso das medidas implementadas. Treinamentos regulares e atualizações sobre novas evidências e técnicas podem ajudar a manter a equipe preparada para lidar com os desafios e melhorar a qualidade do atendimento (Arsie, 2021). Portanto, a avaliação contínua e a adaptação das medidas preventivas são fundamentais para a criação de um ambiente hospitalar mais seguro e eficiente.

Necessidade de Avaliação Contínua e Incorporação de Diretrizes

Apesar da existência de diretrizes estabelecidas para a prevenção de quedas, muitas práticas em serviços de saúde ainda não refletem completamente essas orientações. A adoção consistente e efetiva dessas diretrizes é um desafio contínuo, evidenciado por lacunas na implementação observadas em diversos estudos (Silva, 2020). Para assegurar que as melhores práticas sejam incorporadas de maneira eficaz, é essencial realizar uma avaliação contínua das estratégias e medidas preventivas em vigor.

A avaliação contínua permite identificar deficiências na aplicação das diretrizes e possibilita ajustes necessários para melhorar os protocolos de segurança. Isso envolve monitorar a adesão às diretrizes, revisar incidentes de queda e analisar a eficácia das medidas implementadas (Silva, 2020). Além disso, a incorporação de práticas baseadas em evidências deve ser acompanhada por programas de treinamento e atualização para a equipe de saúde, garantindo que todos os profissionais estejam alinhados com as melhores práticas e procedimentos atualizados (Sena, 2020).

A efetiva implementação das diretrizes e a realização de avaliações contínuas podem levar a melhorias significativas na qualidade dos cuidados prestados, bem como na saúde e bem-estar dos pacientes. A integração dessas diretrizes na rotina dos serviços de saúde não só contribui para a redução das quedas, mas também promove um ambiente mais seguro e eficaz para a prática clínica. Dessa forma, é crucial que as instituições de saúde mantenham um compromisso constante com a avaliação e aprimoramento das práticas de prevenção de quedas, garantindo que os padrões de cuidado sejam continuamente elevados e adaptados às novas evidências e necessidades (Sena, 2020).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, conclui-se que as quedas em pacientes hospitalizados representam um desafio significativo para os sistemas de saúde globalmente, resultando em consequências adversas para os pacientes e aumento dos custos associados. A busca incessante pela qualidade na área da saúde enfrenta obstáculos, incluindo a ocorrência de eventos adversos como as quedas, que são desencadeadas por uma interação complexa

de fatores de risco intrínsecos e extrínsecos, afetando particularmente a população idosa.

A prevenção de quedas é fundamental para garantir a segurança do paciente e reduzir as taxas de morbimortalidade associadas a esses eventos adversos. Estratégias preventivas eficazes devem ser baseadas no perfil epidemiológico das quedas, nos fatores de risco envolvidos e na implementação de medidas personalizadas para cada paciente. A atuação proativa da equipe de enfermagem, apoiada por protocolos de segurança do paciente e diretrizes específicas, desempenha um papel crucial nesse processo.

A implementação de medidas preventivas exige uma abordagem multifacetada e a avaliação contínua da eficácia das intervenções. É essencial que a equipe de saúde não apenas implemente as medidas prescritas, mas também avalie constantemente sua eficácia e adapte as estratégias conforme necessário. A incorporação de práticas baseadas em evidências científicas é vital para promover a segurança dos pacientes, melhorar os resultados de saúde e reduzir os custos associados às quedas em ambientes hospitalares. Somente com uma abordagem contínua e adaptativa será possível alcançar uma redução significativa nas quedas e promover um ambiente de cuidados mais seguro e eficiente.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Hernesto Vaz. Fatores de risco para quedas em asilos e ambiente hospitalar: uma revisão. **Research, Society and Development**, v. 12, n. 6, e1012641821, 2023.

ARSIE, Neiry Ellen Gasperin. **Manual de prevenção de quedas para idosos** [recurso eletrônico]. Organizador: Talita G. G. Zotz, Coordenadora Anna Raquel S. Gomes. Curitiba: UFPR, 2021.

CORREA, Marques. Implantação de um protocolo para gerenciamento de quedas em hospital: resultados de quatro anos de seguimento. **Revista Escola de Enfermagem da USP**, 2012.

DALCIN, Tiago Chagas. **Segurança do Paciente na Atenção Primária à Saúde: Teoria e Prática**. Associação Hospitalar Moinhos de Vento: Porto Alegre, 2020.

INSTITUTO NACIONAL DE TRAUMATOLOGIA E ORTOPEDIA (INTO). **Quedas de idosos**. Disponível em: <https://bvsmms.saude.gov.br/quedas-de-idosos/>

LAUS, Ana Maria. Perfil das quedas em pacientes hospitalizados. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v. 13, n. 4, p. 688-695, out./dez. 2014.

LEITÃO, Ilse Maria Tigre de Arruda. **Tecnologias e gestão compartilhada em saúde: experiências de gestores do mestrado profissional**. Ananindeua: Itacaiúnas, 2016.

NAKAMURA, Thomas et al. Japanese community-living older adults' perceptions and solutions regarding their physical home environments. **Home Health Care Management & Practice**, v. 31, p. 16-22, se. 2019.

PASA, Thiana Sebben. **Avaliação do risco de quedas em pacientes adultos hospitalizados**. Dissertação de mestrado. Santa Maria, RS, Brasil, 2014.

PRATES, Cassiana Gil. Quedas em adultos hospitalizados: incidência e características desses eventos. **Ciência, Cuidado e Saúde**, 2014.

SENA, Adnairdes Cabral de. Cuidados de enfermagem relacionados à prevenção do risco de quedas de idosos hospitalizados: revisão integrativa. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 2021;74(Suppl 2): 1 edição suplementar 2 enfermagens gerontologia.

SEVERO, Isis Marques et al. Fatores de risco para quedas em pacientes adultos hospitalizados: revisão integrativa. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, p. 540-554, 2014.

SILVA, Ellen Nogueira et al. Medidas de prevenção de queda em idosos hospitalizados. **Enfermagem em Foco**, v. 11, n. 6, 2020.

APOIO EMOCIONAL AO PACIENTE HOSPITALIZADO: ANÁLISE DAS INTERVENÇÕES DE ENFERMAGEM DE DÉCADAS PASSADAS - O QUE SE MANTÉM ATUAL?

Milena Maria da Costa Silva¹;

Discente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC, Ceará.

<https://orcid.org/0009-0002-6435-322X>

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira².

Docente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC Ceará.

Doutorando em Enfermagem pela UNILAB, Ceará.

<https://orcid.org/0000-0003-2668-7587>

RESUMO: Este estudo visa identificar e analisar as principais intervenções de enfermagem destinadas ao apoio emocional de pacientes hospitalizados, destacando a importância de uma abordagem de cuidado mais humana e eficaz. Foi realizada uma revisão de literatura narrativa, abrangendo artigos científicos disponíveis em bases de dados. Foram selecionados estudos que abordam intervenções de enfermagem para o apoio emocional em contextos hospitalares ao longo das últimas décadas. As intervenções de enfermagem incluíram comunicação terapêutica, escuta ativa, apoio psicológico e técnicas de relaxamento. A criação de um ambiente acolhedor e a personalização do cuidado também foram destacadas como essenciais para reduzir a ansiedade e o estresse dos pacientes. Os estudos mostraram que pacientes que receberam apoio emocional adequado apresentaram melhor adesão ao tratamento, recuperação mais rápida e maior satisfação com o cuidado recebido. A análise dos resultados revela que intervenções focadas no apoio emocional são fundamentais para o bem-estar dos pacientes hospitalizados. A humanização do cuidado de enfermagem, que inclui a compreensão das necessidades emocionais e psicológicas dos pacientes, melhora significativamente a experiência hospitalar e os resultados clínicos. No entanto, há desafios na implementação dessas intervenções, como a carga de trabalho dos enfermeiros e a falta de treinamento específico em habilidades de comunicação e apoio emocional. As intervenções de enfermagem que promovem o apoio emocional são essenciais para um cuidado holístico e eficaz, e isso não é uma prática recente. Investir na formação contínua dos profissionais de enfermagem e na estruturação de ambientes de cuidado mais humanizados pode melhorar significativamente a qualidade do atendimento e o bem-estar dos pacientes hospitalizados.

PALAVRAS-CHAVE: Enfermagem. Terapia focada em emoções. Hospitalização. Humanização da assistência. Cuidados de enfermagem.

EMOTIONAL SUPPORT FOR HOSPITALIZED PATIENTS: ANALYSIS OF NURSING INTERVENTIONS FROM PAST DECADES – WHAT REMAINS RELEVANT TODAY?

ABSTRACT: This study aims to identify and analyze the main nursing interventions for providing emotional support to hospitalized patients, highlighting the importance of a more humane and effective approach to care. A narrative literature review was conducted, covering scientific articles available in databases. Studies addressing nursing interventions for emotional support in hospital settings from past decades were selected. Nursing interventions included therapeutic communication, active listening, psychological support, and relaxation techniques. Creating a welcoming environment and personalizing care were also highlighted as essential for reducing patients' anxiety and stress. The studies showed that patients who received adequate emotional support had better treatment adherence, faster recovery, and greater satisfaction with the care received. The analysis of the results reveals that interventions focused on emotional support are fundamental to the well-being of hospitalized patients. The humanization of nursing care, which includes understanding patients' emotional and psychological needs, significantly improves the hospital experience and clinical outcomes. However, there are challenges in implementing these interventions, such as nurses' workload and the lack of specific training in communication and emotional support skills. Nursing interventions that promote emotional support are essential for holistic and effective care, and this has been the case for decades. Investing in ongoing training for nursing professionals and structuring more humanized care environments can significantly improve the quality of care and the well-being of hospitalized patients.

KEY-WORDS: Nursing. Emotion-Focused Therapy. Hospitalization. Humanization of Care. Nursing Care.

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo explorar as principais intervenções de enfermagem destinadas ao apoio emocional dos pacientes hospitalizados, com foco em promover uma assistência mais humanizada e efetiva. A hospitalização, frequentemente associada a um contexto de medo e incerteza, pode ser um evento profundamente estressante e desconfortável para os pacientes. O ambiente hospitalar é muitas vezes percebido como um espaço ameaçador, marcado pela exposição a tecnologias invasivas e procedimentos dolorosos, além de uma comunicação técnica que pode aumentar a ansiedade do paciente (Moras et al., 2004).

O medo do desconhecido e a falta de controle sobre o próprio estado de saúde são fatores que intensificam o sofrimento emocional dos pacientes durante a internação. As tecnologias utilizadas no ambiente hospitalar, apesar de essenciais para o tratamento, frequentemente têm um impacto negativo sobre o bem-estar emocional dos pacientes, que

podem se sentir vulneráveis e inseguros (Moras et al., 2004). A linguagem técnica utilizada pelos profissionais de saúde, muitas vezes incompreendida pelos pacientes, contribui para uma sensação de alienação e ansiedade, dificultando a compreensão e aceitação das informações sobre o seu estado de saúde.

Além disso, o ambiente hospitalar, com suas estruturas rígidas e regras impostas, pode criar uma sensação de despersonalização, onde os pacientes se sentem desamparados e distantes de suas referências familiares e sociais. A convivência com pessoas estranhas e a preocupação constante com a evolução clínica são fatores que amplificam a inquietação dos pacientes (Moras et al., 2004). Esse cenário pode levar à rotulação dos pacientes pela doença, com foco excessivo nos sintomas e prognóstico, em detrimento da valorização da dimensão humana do adoecimento (Moraes, 2009).

A abordagem tradicional da saúde frequentemente enfatiza os aspectos biológicos da doença, negligenciando as dimensões culturais, psíquicas, sociais e espirituais que são fundamentais para um cuidado integral. Abordagens puramente científicas podem ser redutivas e não contemplar o cuidado holístico necessário para uma assistência verdadeiramente humanizada (Perssini & Barchifontaine, 2002). A compreensão do ser humano em sua totalidade é essencial para proporcionar um cuidado que vá além do tratamento das condições físicas e que considere o bem-estar emocional dos pacientes.

Barbosa e Silva (2007) destacam a necessidade urgente de um atendimento humanizado no ambiente hospitalar. Fatores como a visão reducionista das necessidades dos pacientes, a predominância da tecnologia e a percepção de que a equipe de enfermagem detém todo o conhecimento, sem considerar a participação ativa do paciente, contribuem para a fragmentação do ser humano. Esses fatores dificultam a percepção da integralidade do ser humano e podem comprometer a qualidade do atendimento humanizado, ressaltando a importância de adotar práticas que promovam a participação ativa dos pacientes em seu cuidado.

Perssini (2004) enfatiza que o cuidado humanizado não se limita ao bem-estar físico, mas deve abranger também o apoio emocional dos pacientes. Para isso, é necessário respeitar a individualidade de cada paciente e criar um ambiente nas instituições de saúde que valorize o ser humano em todas as suas dimensões. O cuidado emocional requer que os profissionais de saúde, especialmente os enfermeiros, desenvolvam uma compreensão profunda de si mesmos e dos outros, aplicando esse conhecimento de forma consciente e respeitosa para promover um ambiente acolhedor e empático.

Nesse sentido, as intervenções de enfermagem direcionadas ao apoio emocional incluem práticas como a comunicação empática, o fornecimento de informações claras e compreensíveis sobre o tratamento, e a criação de um ambiente acolhedor e seguro. Tais práticas não apenas ajudam a reduzir o estresse e a ansiedade dos pacientes, mas também promovem uma experiência hospitalar mais positiva e colaborativa, onde os pacientes se sentem valorizados e apoiados (Choi & Hwang, 2021).

A humanização no cuidado hospitalar é uma abordagem que busca integrar essas práticas no cotidiano da enfermagem, promovendo um suporte emocional que vai além do tratamento físico. Isso envolve reconhecer e atender às necessidades emocionais dos pacientes, estabelecendo uma relação terapêutica que possa aliviar a ansiedade e melhorar a satisfação com o cuidado recebido (Bagnasco et al., 2022). O objetivo é criar um ambiente onde o paciente se sinta respeitado e compreendido, contribuindo para uma recuperação mais eficaz e um bem-estar geral mais satisfatório.

Portanto, o objetivo deste trabalho é apresentar as principais intervenções de enfermagem no apoio emocional ao paciente hospitalizado há décadas, com a finalidade de contribuir para uma prática mais humanizada e eficaz nos tempos atuais. A compreensão e implementação dessas intervenções são essenciais para melhorar a qualidade do cuidado e a experiência do paciente durante a hospitalização, promovendo um atendimento que considere as necessidades emocionais e psicológicas dos pacientes como parte integrante do cuidado holístico.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A abordagem holística no cuidado de enfermagem tem transformado significativamente a dinâmica entre enfermeiros, pacientes e suas famílias. Esta perspectiva reconhece a importância das necessidades emocionais dos pacientes, considerando-as essenciais para a construção de uma relação terapêutica eficaz entre o enfermeiro, o paciente e a família (McVicar, 2003). A mudança para um modelo de cuidado mais abrangente e sensível às emoções representa um avanço crucial na prática da enfermagem, reconhecendo que o bem-estar emocional é um componente vital da recuperação e da experiência do paciente.

Trabalhar com pessoas em situações de sofrimento e vulnerabilidade demanda um alto grau de envolvimento emocional por parte dos profissionais de saúde. Segundo José Vilelas (2013), essa dimensão emocional do trabalho pode ser desafiadora, exigindo que os enfermeiros regulem suas próprias emoções para compreender e responder de maneira eficaz às emoções dos pacientes. O desenvolvimento de habilidades para o autoconhecimento e a automonitorização emocional torna-se essencial para que os profissionais possam oferecer um suporte emocional genuíno e efetivo.

Vilelas (2013) destaca que o envolvimento emocional do enfermeiro não se resume apenas a uma resposta empática, mas também envolve a capacidade de gerir e, em alguns casos, até suprimir certas emoções para manter uma aparência profissional que transmita segurança e conforto ao paciente. O equilíbrio entre a expressão emocional autêntica e a necessidade de manter uma postura profissional é crucial para a eficácia do apoio emocional fornecido pelo enfermeiro.

Smith e Gray (2001) argumentam que, para oferecer um apoio emocional eficiente, é fundamental considerar diversos elementos contextuais, incluindo a pessoa, sua família, o ambiente e os aspectos psicológicos do paciente. A confiança no profissional e na instituição de saúde, bem como o suporte social e as relações pessoais do paciente, desempenham papéis importantes na qualidade do cuidado emocional. Esses fatores interagem para criar um ambiente de cuidado que pode influenciar significativamente a experiência e o bem-estar do paciente.

Lucena e Goes (1999) enfatizam que a comunicação entre o profissional de saúde e o paciente deve ser considerada uma prioridade, especialmente em situações de vulnerabilidade. A comunicação eficaz é essencial para estabelecer uma aliança terapêutica e para garantir que o paciente se sinta ouvido e compreendido. Em momentos críticos, uma comunicação clara e empática pode ajudar a fortalecer o vínculo entre o paciente e a equipe de saúde, promovendo um ambiente de confiança e apoio.

A enfermagem desempenha um papel crucial em promover ou restaurar as habilidades do paciente, ajudando-o a reconhecer e utilizar seu potencial para buscar seu próprio bem-estar (Armelim, 2000). A prática de enfermagem que enfatiza o apoio emocional contribui para a capacitação do paciente, incentivando a autoeficácia e o engajamento no processo de tratamento. Esse enfoque não apenas melhora a experiência do paciente, mas também pode acelerar a recuperação e aumentar a satisfação com o cuidado recebido.

Tássia et al. (2007) sugerem que as condutas mais eficazes para o apoio emocional incluem o esforço constante para conhecer o paciente de maneira profunda e o cultivo de um relacionamento baseado na confiança e na empatia. Estabelecer um diálogo contínuo e proveitoso entre o enfermeiro e o paciente é fundamental para reduzir a ansiedade e a sensação de solidão que pode acompanhar a hospitalização. A presença de uma relação de apoio pode melhorar a percepção do paciente sobre o cuidado recebido e facilitar sua recuperação.

A comunicação eficaz e o desenvolvimento de um relacionamento de confiança são particularmente importantes quando o paciente se sente fisicamente debilitado e emocionalmente vulnerável. O cuidado centrado no paciente deve considerar essas dimensões emocionais, oferecendo um suporte que ajude a mitigar a ansiedade e a solidão que os pacientes frequentemente experienciam durante a hospitalização (Tássia et al., 2007).

O papel do enfermeiro em proporcionar um cuidado emocionalmente enriquecedor está intimamente ligado à sua capacidade de entender e responder às necessidades emocionais dos pacientes. As práticas de comunicação, empatia e respeito pela individualidade do paciente são elementos-chave para a construção de um ambiente de cuidado que promova o bem-estar emocional e psicológico (McVicar, 2003; Armelim, 2000).

METODOLOGIA

Este estudo é uma revisão de literatura do tipo bibliográfica, que busca realizar uma análise crítica e sistemática das fontes de informação disponíveis sobre o tema de intervenção emocional na prática de enfermagem. Conforme definido por Fernandez (2023), uma revisão bibliográfica envolve a coleta, análise e síntese de informações provenientes de diversas fontes já publicadas, com o objetivo de construir uma visão abrangente e fundamentada sobre o tópico investigado.

A pergunta norteadora que direciona esta pesquisa é: “Quais são as principais intervenções usadas pela enfermagem no apoio emocional ao paciente hospitalizado?”. Esta questão orientou a seleção dos artigos e a análise dos dados, permitindo uma investigação focada nas práticas de enfermagem voltadas ao apoio emocional durante a hospitalização.

Para a busca de literatura relevante, foram utilizados os seguintes descritores: “assistência humanizada à saúde”, “cuidado humanizado”, “estratégias de regulação emocional”, e “sofrimento emocional”. Esses termos foram escolhidos para abranger uma ampla gama de aspectos relacionados ao apoio emocional e às intervenções de enfermagem. A pesquisa foi realizada utilizando os buscadores Google e Google Acadêmico, que são ferramentas amplamente utilizadas para acessar literatura acadêmica e científica. Embora a busca inicial tenha sido feita em português, artigos em outros idiomas (inglês e espanhol) também foram considerados, sendo traduzidos para garantir uma análise completa e inclusiva.

A combinação de busca utilizada foi: [assistência humanizada à saúde] AND [cuidado humanizado] AND [estratégias de regulação emocional] AND [sofrimento emocional]. Este uso de operadores lógicos permitiu uma busca refinada e precisa, facilitando a identificação de artigos que abordam especificamente o apoio emocional no contexto da enfermagem.

Os critérios de inclusão foram estabelecidos para garantir a relevância e a qualidade dos artigos selecionados. Foram incluídos:

- Artigos publicados há 10 anos ou mais, para fins de entendimento da pergunta norteadora;
- Artigos disponíveis gratuitamente, para garantir acessibilidade e transparência na pesquisa;
- Artigos que respondessem diretamente à pergunta norteadora, garantindo a pertinência das informações coletadas;
- Artigos em língua portuguesa, para manter a consistência linguística e facilitar a análise.
- Os critérios de exclusão visaram a eliminação de duplicidades e garantir a relevância dos artigos:
- Exclusão de artigos duplicados para evitar redundância e garantir a originalidade dos dados analisados.

Os filtros aplicados incluíram a restrição à língua portuguesa e a limitação de busca às três primeiras páginas dos resultados, resultando na análise de 30 artigos selecionados. Esses filtros foram escolhidos para garantir a relevância e a qualidade das fontes, mantendo um equilíbrio entre a abrangência da pesquisa e a profundidade da análise.

Após a coleta dos artigos, foi realizada uma análise crítica e sistemática dos textos selecionados. A análise envolveu a leitura detalhada dos artigos, a identificação das principais intervenções e estratégias descritas, e a síntese das informações relevantes para responder à pergunta norteadora. A abordagem crítica permitiu avaliar a qualidade e a aplicabilidade das práticas descritas nos artigos, contribuindo para uma compreensão aprofundada das intervenções de enfermagem no apoio emocional ao paciente hospitalizado.

A metodologia adotada nesta revisão bibliográfica assegura uma abordagem estruturada e rigorosa para a investigação das intervenções de enfermagem voltadas ao apoio emocional. A combinação de busca refinada, critérios de inclusão e exclusão bem definidos, e a análise crítica dos artigos selecionados possibilita uma compreensão abrangente e atualizada das práticas de apoio emocional na prática de enfermagem.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A pesquisa no resultou em 2.540 artigos. Foram analisados os títulos de 30 artigos conforme os critérios iniciais de inclusão, e 15 desses chegaram a ser lidos na íntegra. Dentre esses, 11 foram selecionados para a revisão final. A seleção dos artigos foi baseada na relevância para a pergunta norteadora, qualidade da pesquisa e aplicabilidade dos critérios.

Tabela 1. Estudos selecionados para compor a amostra final do presente estudo.

BASE DE DADOS E N° DO ARTIGO	TÍTULO DO ARTIGO	OBJETIVO DO ARTIGO	PRINCIPAIS RESULTADOS
Google acadêmico A1 Moras et al. 2004.	A comunicação como instrumento do enfermeiro para o cuidado emocional do cliente hospitalizado.	Explorar a importância da comunicação entre enfermeiro e paciente.	Destacou o impacto das emoções dos pacientes durante a internação e como a comunicação pode influenciar essas emoções.
Google acadêmico A2 Moraes, 2009.	Comunicação como instrumento básico no cuidar humanizado em enfermagem ao paciente hospitalizado.	Discutir a comunicação como ferramenta essencial no cuidado humanizado.	Revelou como o paciente frequentemente é visto apenas através de sua doença, prejudicando a visão integral do ser humano.

Google acadêmico A3 Perssini et al., 2009.	Progresso técnico científico medicina e humanização.	Analisar a integralidade do paciente nas abordagens médicas e de enfermagem.	Enfatizou a importância de considerar as dimensões biológica, social, cultural e psicológica do paciente.
Google acadêmico A4 Barbosa e Silva, 2007.	Cuidado humanizado de enfermagem: o agir com respeito em um hospital universitário.	Examinar o cuidado humanizado e o respeito ao paciente hospitalar.	Discutiu a necessidade de um atendimento que vá além do tratamento da doença, incorporando o respeito ao paciente.
Google acadêmicos A5 Perssini, 2004.	Humanização da dor e do sofrimento humanos na área da saúde.	Explorar a humanização da dor e do sofrimento do paciente.	Abordou a importância do respeito à individualidade e como isso contribui para um atendimento mais humanizado.
Google acadêmico A6 Panizzon et al., 2008.	Estresses no local de trabalho em enfermagem.	Discutir como a assistência holística alterou a dinâmica entre profissionais e pacientes.	Destacou o papel crescente das necessidades emocionais na assistência terapêutica e a mudança na dinâmica entre enfermeiros e pacientes.
Google acadêmico A7 José Vilelas, 2013.	O trabalho emocional no ato de cuidar em enfermagem.	Investigar a importância do trabalho emocional na prática de enfermagem.	Enfatizou a importância do controle das emoções pelos enfermeiros e como isso afeta o cuidado prestado aos pacientes.
Google acadêmico A8 Smith e Gray, 2001.	Reavaliando o conceito de trabalho emocional na formação de estudantes de enfermagem.	Identificar os elementos para um trabalho emocional eficiente.	Identificou que os principais elementos para um trabalho emocional eficiente são o paciente, a família, o ambiente e os aspectos psicológicos.
Google acadêmico A9 Armelin, 2000.	Apoio emocional às pessoas hospitalizadas.	Explorar as estratégias de apoio emocional para pacientes hospitalizados.	Relatou várias intervenções de enfermagem que podem promover ou restaurar o bem-estar emocional dos pacientes.
Google acadêmico A10 Lucena e Goes, 1999.	O processo de comunicação no cuidado do paciente submetido ao estresse: algumas reflexões	Discutir a importância da comunicação entre profissionais e pacientes.	Enfatizou que a comunicação é fundamental para um cuidado humanizado, especialmente para pacientes vulneráveis.
Google acadêmico A11 Bertone et al., 2007.	Considerações sobre o relacionamento interpessoal enfermeiro-paciente.	Abordar as principais condutas para apoio emocional ao paciente.	Identificou as melhores práticas e condutas para promover o apoio emocional eficaz, incluindo o cultivo da confiança e empatia.

Fonte: os autores (2024).

O estudo de Moras et al. (A1) destacou o impacto emocional negativo que a hospitalização pode ter sobre os pacientes. Esses pacientes frequentemente enfrentam o desconforto de estar em um ambiente desconhecido, longe de suas casas e familiares, o que pode intensificar sentimentos de vulnerabilidade e ansiedade. A prática de enfermagem, ao adotar uma abordagem humanizada, desempenha um papel crucial na adaptação dos pacientes a esse novo contexto. O cuidado humanizado não apenas facilita a aceitação do ambiente hospitalar, mas também contribui para a construção de uma relação de confiança entre o paciente e a equipe de enfermagem. Essa relação pode atenuar o estresse e promover uma sensação de segurança, essencial para o bem-estar emocional do paciente. A comunicação empática e a presença atenciosa dos enfermeiros são estratégias fundamentais para aliviar o sofrimento emocional e promover uma experiência hospitalar mais positiva.

Moraes (A2) relatou como os pacientes, muitas vezes, são reduzidos a suas condições médicas, sendo vistos principalmente por seus sintomas e diagnósticos. Essa visão restritiva pode resultar em uma abordagem que negligencia as necessidades emocionais e psicológicas dos pacientes, focando predominantemente no tratamento biológico. Para a enfermagem, é imperativo adotar uma abordagem holística que considere o paciente em sua totalidade, levando em conta suas necessidades emocionais, sociais e psicológicas. Em contextos de alta pressão, como ambientes hospitalares, o foco no tratamento clínico pode ser intenso, mas não deve obscurecer a importância do cuidado emocional. Encorajar uma prática que valorize a integralidade do paciente pode melhorar significativamente a qualidade do atendimento e o bem-estar geral dos pacientes.

Perssini e Barchifontaine (A3) discutiram a importância de considerar as múltiplas dimensões do ser humano □ biológica, social, psicológica e cultural. Esse conceito de integralidade é fundamental para a prática de enfermagem, pois enfatiza que o cuidado deve ir além da condição médica do paciente e incluir suas necessidades emocionais e sociais. O atendimento humanizado requer que os enfermeiros reconheçam e respeitem a complexidade do paciente, abordando suas múltiplas dimensões de maneira integrada. Essa abordagem não apenas melhora a qualidade do atendimento, mas também promove um ambiente mais empático e acolhedor, que pode influenciar positivamente o processo de recuperação do paciente.

Barbosa e Silva (A4) abordaram a crescente necessidade de humanização nos cuidados hospitalares e os desafios impostos por tecnologias avançadas e uma visão restritiva sobre a autonomia da enfermagem. A prática de enfermagem deve enfrentar o desafio de equilibrar a inovação tecnológica com uma abordagem que respeite e valorize o paciente como um ser integral. Isso envolve promover uma visão mais ampla do cuidado, onde a tecnologia é uma ferramenta a serviço da humanização, e não um substituto para a interação empática e o suporte emocional. Enfermeiros devem estar cientes de que sua função vai além da administração de tratamentos e que a promoção do bem-estar emocional do paciente é igualmente crucial.

Perssini (A5) destacou a importância do respeito à individualidade do paciente no atendimento humanizado. O respeito pelas diferenças culturais, religiosas e pessoais é essencial para construir uma relação de confiança e proporcionar um suporte emocional eficaz. Para os profissionais de enfermagem, isso significa evitar preconceitos e estigmas, promovendo uma abordagem inclusiva e sensível às necessidades individuais de cada paciente. A compreensão e o acolhimento das particularidades do paciente são fundamentais para oferecer um atendimento que não apenas trate a doença, mas também respeite e valorize a pessoa como um todo.

Panizom (A6) evidenciou como as necessidades emocionais desempenham um papel crucial em um projeto terapêutico eficaz. A integração das necessidades emocionais na prática de enfermagem pode transformar o atendimento, tornando-o mais leve e menos doloroso. O cuidado emocional não deve ser visto como um complemento ao tratamento físico, mas como um componente central da abordagem terapêutica. Enfermeiros devem estar preparados para reconhecer e atender às necessidades emocionais dos pacientes, criando um ambiente onde o tratamento possa ocorrer de maneira mais eficaz e com maior conforto emocional.

José Vilelas (A7) discutiu a importância do controle das emoções dos profissionais de saúde na prestação de um atendimento holístico. O gerenciamento adequado das emoções dos enfermeiros é essencial para criar um ambiente de cuidado positivo e harmonioso. As emoções dos profissionais podem influenciar significativamente a experiência do paciente, e um ambiente de trabalho emocionalmente equilibrado contribui para um atendimento mais compassivo e eficiente. Enfermeiros devem desenvolver habilidades para gerenciar suas próprias emoções e criar um ambiente seguro e acolhedor para os pacientes, promovendo uma experiência hospitalar mais positiva e menos estressante.

Smith e Gray (A8) identificaram os principais elementos para um trabalho emocional eficiente, incluindo o paciente, a família, o ambiente e as questões psicológicas. Para a prática de enfermagem, isso significa considerar o impacto desses elementos no bem-estar do paciente e integrar estratégias que promovam um ambiente de cuidado terapêutico. A criação de um ambiente calmo e a promoção de um bom convívio familiar são fundamentais para apoiar o bem-estar emocional do paciente. A assistência deve envolver a família como um aliado no processo de recuperação, proporcionando suporte adicional e promovendo um ambiente que favoreça a saúde emocional.

Armelim (A9) destacou o papel da enfermagem em promover a autonomia dos pacientes e apoiar suas habilidades para o autocuidado. Através de ações que incentivem o envolvimento ativo dos pacientes em seu próprio tratamento, os enfermeiros podem ajudar a restaurar a autoestima e a confiança dos pacientes em suas capacidades. O apoio emocional desempenha um papel crucial nesse processo, incentivando os pacientes a se tornarem participantes ativos em sua recuperação e promovendo uma atitude positiva em relação ao tratamento.

Lucena e Goes (A10) sublinharam a importância da comunicação eficaz entre enfermeiros e pacientes. Uma comunicação clara e empática é essencial para oferecer suporte emocional e construir uma relação de confiança. A prática de enfermagem deve incluir a capacidade de ouvir atentamente, oferecer conforto e garantir que as informações sobre o tratamento sejam compreendidas de maneira acessível. A comunicação é uma ferramenta vital para promover uma experiência hospitalar positiva e garantir que os pacientes se sintam valorizados e apoiados.

Tássia et al. (A11) identificaram as principais intervenções para um bom atendimento emocional, incluindo o conhecimento do paciente, a construção de confiança e a promoção de um relacionamento respeitoso. Essas intervenções são fundamentais para oferecer um atendimento que não apenas trate a doença, mas também considere o bem-estar emocional do paciente. As práticas de apoio emocional devem se concentrar em tornar o tratamento mais leve e menos doloroso, alinhando-se ao objetivo da enfermagem de proporcionar alívio e melhorar a qualidade de vida do paciente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A hospitalização pode representar um desafio significativo para os pacientes, que enfrentam mudanças abruptas em suas vidas, lidam com a perda de independência e com o ambiente desconhecido do hospital. A prática de enfermagem, ao adotar uma abordagem humanizada, desempenha um papel crucial em aliviar o sofrimento emocional e facilitar a adaptação ao ambiente hospitalar. O cuidado humanizado envolve não apenas tratar a condição médica, mas também considerar as necessidades emocionais e psicológicas dos pacientes.

Os enfermeiros devem reconhecer e abordar a totalidade do paciente, oferecendo um suporte emocional que respeite suas individualidades e promova uma comunicação eficaz. A valorização da prática de enfermagem e a compreensão de seu impacto no bem-estar dos pacientes são essenciais para garantir um atendimento de alta qualidade. As intervenções identificadas nos estudos revisados, que remontam há mais de uma década, oferecem um caminho para melhorar a experiência hospitalar e promover uma recuperação mais positiva.

A enfermagem desempenha um papel indispensável na criação de um ambiente de cuidado que seja empático, acolhedor e respeitoso, contribuindo significativamente para o bem-estar emocional dos pacientes e, conseqüentemente, para a eficácia do tratamento. Valorizar e apoiar a prática de enfermagem é crucial para assegurar que os pacientes recebam um cuidado que atenda a todas as suas necessidades, promovendo uma experiência hospitalar que respeite e dignifique sua condição humana.

REFERÊNCIAS

ARMELIN, Maria Vigoneti Araújo Lima. **Apoio emocional às pessoas hospitalizadas**. 2000.

BARBOSA, Ingrid de Almeida; SILVA, Maria Júlia Paes. Cuidado humanizado de enfermagem: o agir com respeito em um hospital universitário. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 60, p. 546-551, 2007.

BERTONE, Tássia Bruschini; RIBEIRO, Ana Paula Sousa; GUIMARÃES, Jacileide. Considerações sobre o relacionamento interpessoal enfermeiro-paciente. **Revista Fafibe On Line**, v. 3, p. 1-5, 2007.

DE FÁTIMA LUCENA, Amália et al. O processo de comunicação no cuidado do paciente submetido ao eco-stress: algumas reflexões. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 20, p. 37-37, 1999.

FERNANDEZ, G. **Revisão bibliográfica: o que é e como fazer**. MEU GURU, 2023.

JOAÉ, V. O trabalho emocional no ato de cuidar em enfermagem: uma revisão do conceito. **Revista de Ciências da Saúde da ESSCVP**, v. 5, p. 43, 2013.

LUCENA, A. de F.; GOES, M. O. de. O processo de comunicação no cuidado do paciente submetido ao eco-stress: algumas reflexões. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, Porto Alegre, v. 20, p. 37-48, 1999. Número especial.

MCVICAR, A. Workplace stress in nursing: A literature review. **Journal of Advanced Nursing**, v. 44, n. 6, p. 633-642, 2003.

MOB, Oriá; MORAES, L. M. P.; VICTOR, J. F. A comunicação como instrumento do enfermeiro para o cuidado emocional do cliente hospitalizado. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 6, n. 2, p. 292-297, 2004.

MORAIS, G. S. da N.; COSTA, S. F. G. da; FONTES, W. D.; CARNEIRO, A. D. Comunicação como instrumento básico no cuidar humanizado em enfermagem ao paciente hospitalizado. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 22, n. 3, p. 323-327, 2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002009000300014>.

MORAIS, Gilvânia Smith da Nóbrega et al. Comunicação como instrumento básico no cuidar humanizado em enfermagem ao paciente hospitalizado. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 22, p. 323-327, 2009.

ORIÁ, Mônica Oliveira Batista; MORAES, Leila Memória Paiva; VICTOR, Janaína Fonseca. A comunicação como instrumento do enfermeiro para o cuidado emocional do cliente hospitalizado. **Revista Eletrônica de Enfermagem**, v. 6, n. 2, 2004.

PANIZZON, Cristiane; LUZ, Anna Maria Hecker; FENSTERSEIFER, Lísia Maria. Estresse da equipe de enfermagem de emergência clínica. **Revista Gaúcha de Enfermagem**, v. 29,

n. 3, p. 391-391, 2008.

PESSINI, L. **Humanização da dor e do sofrimento humanos na área da saúde**. In: PESSINI, L.; BERTACHINI, L. (Orgs.). Humanização e cuidados paliativos. São Paulo: Loyola, 2004. p. 12-30.

PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C. P. **Progresso tecnocientífico, medicina e humanização**. In: PESSINI, L.; BARCHIFONTAINE, C. P. Problemas atuais de bioética. 6. ed. rev. ampl. São Paulo: Loyola, 2002. p. 117-136.

PESSINI, Leo. **Humanização da dor e do sofrimento humanos na área da saúde**. Pessini L, Bertanchini L, organizadores. Humanização e cuidados paliativos: São Paulo: Loyola, p. 11-30, 2004.

PESSINI, Leo; BARCHIFONTAINE, Christian de Paul. Progresso tecnocientífico medicina e humanização. Pessini L, Barchifontaine CP. Problemas atuais de bioética. 6a ed. **Rev. ampl.** São Paulo: Loyola, p. 117-36, 2002.

SMITH, P.; GRAY, M. Reassessing the concept of emotional labour in student nurse education: Role of link lecturers and mentors in a time of change. **Nurse Education Today**, v. 21, n. 3, p. 230-237, 2001.

TÁSSIA, B. B. et al. Considerações sobre o relacionamento interpessoal enfermeiro-paciente. **Revista FAFIB Online**, n. 3, 2007.

VILELAS, José. O trabalho emocional no ato de cuidar em enfermagem: uma revisão do conceito. **Rev Ciências Saúde ESSCVP-Salutis Scientia**, v. 5, p. 41-50, 2013.

REFLEXÃO CRÍTICA E PENSAMENTO ANALÍTICO NA PRÁTICA DE ENFERMAGEM PARA PACIENTES COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA: DESAFIOS E AVANÇOS

Raphaella Evangelista Diógenes¹;

<https://orcid.org/0009-0002-9897-602X>

Miliane Maria da Silva Bezerra²;

<https://orcid.org/0009-0000-7975-2632>

Antônia Everlane Ferreira de Souza³;

Discente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC, Ceará.

Francisco Clayton da Silva Franco⁴;

Discente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC, Ceará.

José Erivelton de Souza Maciel Ferreira⁵.

Docente do Curso de Enfermagem da UNIASSELVI FADESC Ceará.

Doutorando em Enfermagem pela UNILAB, Ceará.

<https://orcid.org/0000-0003-2668-7587>

RESUMO: O objetivo deste estudo é aprimorar a prática de enfermagem no atendimento a pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA) ao oferecer uma análise crítica das abordagens de cuidado do enfermeiro. Este artigo visa abordar as complexidades e desafios enfrentados pelos enfermeiros na prestação de cuidados eficazes a indivíduos com TEA. Por meio de uma revisão integrativa abrangente da literatura, o estudo explora diversas estratégias e intervenções utilizadas pelos enfermeiros, identificando lacunas nas práticas atuais e áreas para possíveis melhorias. A análise destaca a necessidade de prática reflexiva e pensamento analítico na enfermagem para adaptar as abordagens de cuidado às necessidades únicas de cada pessoa com TEA. Ao examinar práticas baseadas em evidências e refletir sobre sua aplicação, o estudo enfatiza a importância de desenvolver planos de cuidado individualizados que promovam resultados positivos e sustentem o bem-estar geral do paciente. Os resultados ressaltam a necessidade de educação continuada e desenvolvimento profissional para que os enfermeiros se mantenham informados sobre os avanços no cuidado de TEA e aperfeiçoem continuamente suas abordagens. O artigo também propõe recomendações para aprimorar as intervenções de enfermagem, promover uma compreensão mais profunda do TEA entre os profissionais de saúde e criar um ambiente propício ao aprendizado contínuo e adaptação. Em última análise, este estudo visa contribuir

para a melhoria do cuidado de enfermagem para pessoas com TEA, garantindo que suas necessidades sejam atendidas com empatia, competência e eficácia.

PALAVRAS-CHAVE: Transtorno do Espectro Autista. Prática de Enfermagem. Reflexão Crítica. Pensamento Analítico. Cuidado ao Paciente. Intervenções de Enfermagem.

CRITICAL REFLECTION AND ANALYTICAL THINKING IN NURSING PRACTICE FOR PATIENTS WITH AUTISM SPECTRUM DISORDER: CHALLENGES AND ADVANCES

ABSTRACT: The objective of this study is to enhance nursing practice in the care of individuals with Autism Spectrum Disorder (ASD) by providing a critical analysis of current nursing approaches. This paper aims to address the complexities and challenges faced by nurses in delivering effective care to individuals with ASD. Through a comprehensive integrative review of the literature, the study explores various strategies and interventions utilized by nurses, identifying gaps in current practices and areas for potential improvement. The analysis highlights the necessity for reflective practice and analytical thinking in nursing to tailor care approaches that accommodate the unique needs of each person with ASD. By examining evidence-based practices and reflecting on their application, the study emphasizes the importance of developing individualized care plans that promote positive outcomes and support the overall well-being of individuals with ASD. The findings underscore the need for ongoing education and professional development for nurses to stay informed about advancements in ASD care and to continuously refine their approaches. The paper also proposes recommendations for enhancing nursing interventions, fostering a deeper understanding of ASD among healthcare professionals, and creating an environment conducive to continuous learning and adaptation. Ultimately, this study aims to contribute to the improvement of nursing care for individuals with ASD, ensuring that their needs are met with empathy, competence, and effectiveness.

KEY-WORDS: Autism Spectrum Disorder. Nursing Practice. Critical Reflection. Analytical Thinking. Patient Care. Nursing Interventions.

INTRODUÇÃO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por desafios significativos na comunicação e interação social, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento, conforme descrito pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5). Essa condição é multifacetada e exige uma compreensão aprofundada por parte dos profissionais de saúde, especialmente enfermeiros que lidam diretamente com pacientes autistas. A necessidade de uma abordagem bem-informada e sensível por parte da enfermagem é crucial para a eficácia do tratamento e para a qualidade do cuidado oferecido aos pacientes.

No Brasil, estima-se que cerca de 2 milhões de pessoas estejam no espectro autista, conforme dados de Araújo, Nascimento e Dutra (2019). O TEA é classificado em três níveis de suporte, refletindo a diversidade nas necessidades de intervenção e cuidado. Esse diagnóstico é fundamental, pois permite que intervenções sejam adaptadas às necessidades específicas de cada indivíduo, conforme Nascimento et al. (2018). A identificação precoce do TEA tem um impacto significativo na vida dos pacientes, promovendo melhor qualidade de vida e facilitando a independência nas atividades diárias.

A enfermagem desempenha um papel crucial no manejo do TEA. Silva et al. (2018) destacam que os profissionais de enfermagem têm um papel terapêutico essencial, focando na melhoria da qualidade de vida dos pacientes autistas. A atuação do enfermeiro não se limita ao cuidado direto, mas também inclui a orientação e suporte a pais e cuidadores, o que pode facilitar o diagnóstico e o monitoramento contínuo do estado do paciente (Sena et al., 2015). Isso é especialmente importante em um contexto em que a compreensão e a adaptação às necessidades individuais dos pacientes autistas são essenciais.

Além disso, Lima et al. (2022) ressaltam a importância da integração da saúde mental na Atenção Primária à Saúde (APS). Incorporar práticas de saúde mental na APS pode tornar o atendimento mais acessível e eficaz para a população geral, incluindo os indivíduos com TEA. Esta abordagem é fundamental para melhorar os resultados clínicos e garantir que o suporte necessário seja fornecido de maneira contínua e integrada.

Este trabalho tem como objetivo principal contribuir para a melhoria da assistência de enfermagem a indivíduos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). Através de uma abordagem holística, pretende-se promover um cuidado mais efetivo e humanizado, que considera a complexidade e as necessidades específicas de cada paciente. A abordagem holística é essencial para entender e atender às diversas dimensões do TEA, proporcionando um cuidado que vai além das intervenções médicas tradicionais.

Os objetivos específicos deste estudo incluem a divulgação e aprimoramento das práticas de enfermagem para indivíduos com TEA. Isso envolve a criação de estratégias que visam tornar o atendimento mais eficaz e adaptado às necessidades dos pacientes. Além disso, busca-se desenvolver uma abordagem holística no cuidado, capacitando enfermeiros e acadêmicos a implementarem práticas que melhorem a qualidade de vida dos indivíduos com TEA.

O objetivo do presente estudo é aprimorar a prática de enfermagem no atendimento a pessoas com Transtorno do Espectro Autista ao oferecer uma análise crítica das abordagens de cuidado do enfermeiro, identificando as melhores práticas e estratégias para promover um atendimento mais eficaz e adaptado às necessidades específicas desses pacientes.

Através da revisão das evidências e do desenvolvimento de reflexões fundamentadas sobre as intervenções de enfermagem, foi possível esclarecer os desafios enfrentados pelos profissionais e propor recomendações que visam melhorar a qualidade do cuidado e o suporte às famílias. A integração desses conhecimentos na prática de enfermagem

pode levar a um atendimento mais inclusivo e sensível, melhorando significativamente a experiência e os resultados para os pacientes no espectro autista.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O Que é Autismo

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é uma condição do neurodesenvolvimento caracterizada por padrões restritos e repetitivos de comportamento, bem como dificuldades significativas na comunicação e na interação social, conforme descrito pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5). Inicialmente, estudos sobre o TEA sugeriam que o transtorno poderia ser causado por fatores relacionados a famílias disfuncionais e condições psicológicas, uma visão que hoje está ultrapassada. Atualmente, reconhece-se que o TEA é majoritariamente influenciado por fatores genéticos, embora alguns pesquisadores também sugiram que fatores ambientais possam desempenhar um papel (Varella, 2019).

A classificação do TEA pode ser feita em três níveis de suporte: Nível 1, que requer pouco suporte; Nível 2, que necessita de suporte substancial; e Nível 3, que demanda um suporte significativo devido a grandes dificuldades na comunicação verbal (Araújo, Nascimento e Dutra, 2019). Apesar de a prevalência do TEA ser frequentemente associada a meninos, a utilização da cor azul para representar o transtorno pode invisibilizar mulheres e a população LGBTQIA+ autista.

Lin et al. (2023) destacam que a maior parte dos estudos sobre prevalência concentra-se em crianças, pois o diagnóstico é frequentemente feito na infância. Aqueles que não são diagnosticados precocemente podem não receber o tratamento adequado ou podem receber diagnósticos incorretos. Sá e Paschoal (2019) também apontam que a crença de que o autismo é mais comum em homens persiste, embora haja evidências de que fatores externos possam complicar o diagnóstico em indivíduos do sexo oposto.

A Necessidade de Rotina e Previsibilidade no TEA

A Lei 12.764, de 27 de dezembro de 2012, estabelece a Política Nacional de Proteção da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, definindo em seu artigo 1º, § 1º, incisos I e II, as características clínicas do TEA. Esta legislação reconhece a necessidade de previsibilidade e rotina para os indivíduos autistas, evidenciando que a falta de um ambiente estruturado pode levar a crises devido à sobrecarga sensorial. Ambientes de Atenção Primária à Saúde, como Unidades de Pronto Atendimento (UPAs), hospitais e postos de saúde, frequentemente não oferecem a previsibilidade necessária, resultando em um ambiente caótico que pode desencadear crises em pacientes autistas (BRASIL, 2012).

As crises em indivíduos com TEA podem variar em intensidade e forma, manifestando-se por hiperresponsividade, hiporresponsividade ou responsividade flutuante. Além disso, esses indivíduos podem experimentar ansiedade, especialmente em situações novas ou mudanças inesperadas, bem como agressividade, disfunção executiva e impulsividade (Braga, 2018). Os estereótipos motores ou “stims” são comportamentos repetitivos que ajudam na regulação sensorial e emocional e não devem ser desencorajados, a menos que envolvam autoagressão ou agressão a outros.

Comorbidades no Autismo

Indivíduos com TEA frequentemente enfrentam comorbidades, que podem ser de natureza psiquiátrica ou fisiológica. A falta de reconhecimento adequado dos sinais e sintomas pode contribuir para altas taxas de mortalidade nesse grupo (Rezende et al., 2020). Entre as comorbidades psiquiátricas mais comuns estão a ansiedade, a depressão e o transtorno de déficit de atenção e hiperatividade (TDAH) (Dias et al., 2023). A revisão de Costa et al. (2024) indica que aproximadamente 70% dos indivíduos autistas apresentam comorbidades, com o TDAH e o transtorno obsessivo-compulsivo (TOC) sendo prevalentes, especialmente entre crianças em idade pré-escolar.

Além das condições psiquiátricas, a seletividade alimentar é uma comorbidade significativa, associada a distúrbios sensoriais e defensividade tátil, o que pode prejudicar a aceitação de certos alimentos e texturas (Moura, Silva e Landim, 2021). Outro problema comum é a epilepsia, uma condição neurológica caracterizada por crises convulsivas recorrentes, que afeta uma parte significativa da população autista (Melo, 2022). De acordo com um estudo publicado na revista *Comprehensive Psychiatry* em 2019, o TEA frequentemente coexiste com outras comorbidades, como distúrbios do sono, obesidade infantil e hipotonia muscular.

Esses aspectos reforçam a necessidade de uma abordagem holística e integrada no atendimento aos indivíduos com TEA, reconhecendo e tratando tanto o transtorno primário quanto as comorbidades associadas, para garantir um cuidado mais eficaz e personalizado.

METODOLOGIA

Este estudo utilizou uma abordagem de pesquisa bibliográfica para explorar e compreender o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e suas implicações na prática de enfermagem. A metodologia adotada é qualitativa e visa consolidar o conhecimento teórico existente sobre o tema, fornecendo uma base sólida para a discussão e análise das melhores práticas de cuidado.

A pesquisa é classificada como uma revisão de literatura, que se baseia na análise de estudos previamente publicados. Essa abordagem permite a coleta de dados relevantes a partir de fontes acadêmicas estabelecidas, como livros e artigos científicos. De acordo

com Whitemore e Knafl (2005), a revisão de literatura é uma ferramenta essencial para sintetizar e avaliar as evidências existentes, proporcionando uma compreensão abrangente do tema em questão.

A revisão foi conduzida através da seleção e análise de materiais acadêmicos que abordam o TEA, com foco específico em comorbidades, crises e cuidados de enfermagem. O processo envolveu:

1. Definição dos Descritores: Foram utilizados descritores específicos para guiar a busca por literatura relevante. Em português, os descritores foram: “transtorno do espectro autista”, “comorbidades no autismo”, “atenção ao paciente no espectro do autismo”, “crises no autismo”, e “cuidados de enfermagem ao paciente no espectro do autismo”. Em inglês, foram utilizados: “autism”, “nursing care autism spectrum disorder”.

2. Busca em Bases de Dados: As buscas foram realizadas em duas bases de dados principais:

- I. Google Acadêmico: A pesquisa foi realizada com a combinação de palavras-chave: [Transtorno do espectro autista]AND [comorbidades]AND [cuidados de enfermagem]. Foram aplicados filtros para restringir os resultados a artigos publicados desde 2020, ordenados por relevância, e disponibilizados em português. Os primeiros 10 artigos mais relevantes foram analisados.
- II. PubMed: Utilizou-se a combinação de termos: (autism spectrum)AND (nursing care). Os filtros aplicados incluíram publicações desde 2020, priorizando os artigos mais relevantes. A busca gerou 832 resultados, dos quais foram selecionados os mais pertinentes.

3. Critérios de Inclusão e Exclusão. Os critérios para inclusão dos artigos foram: publicações nos últimos 5 anos, disponibilidade na íntegra, estar disponível em português, espanhol ou inglês, ter mínima relevância para o tema de estudo e incitar reflexões sobre o tema. Foram excluídas publicações repetidas e aquelas que não atendiam aos critérios de inclusão.

A coleta de dados envolveu a extração de informações pertinentes dos artigos selecionados. O processo incluiu:

1. Leitura Crítica: Cada artigo foi submetido a uma leitura crítica para identificar e extrair informações relevantes sobre o TEA, comorbidades associadas, crises e cuidados de enfermagem.
2. Organização dos Dados: As informações foram organizadas em categorias temáticas, facilitando a análise.

- Síntese dos Resultados: Os dados coletados foram sintetizados para identificar padrões e lacunas na literatura existente. A síntese permitiu uma compreensão integrada das melhores práticas de cuidado para pacientes com TEA, destacando a importância de abordagens holísticas e personalizadas.

Para garantir a validade e confiabilidade dos resultados, foram seguidas práticas rigorosas de seleção e análise dos artigos. A escolha das fontes foi baseada em critérios de qualidade e relevância, e a análise foi conduzida de forma sistemática e transparente. A revisão contínua das evidências e a comparação com estudos anteriores ajudaram a validar as conclusões obtidas.

O estudo reconhece algumas limitações, como a restrição a publicações recentes e a possível variação na qualidade dos artigos revisados. Além disso, a dependência de fontes de dados secundários pode limitar a profundidade de algumas análises. Outro fato é que as bases não foram exaustivamente exploradas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram identificados 832 artigos no PubMed, dos quais 40 temas foram selecionados para leitura detalhada e 22 artigos foram lidos na íntegra. Dentre esses, apenas 1 artigo foi escolhido para integrar a amostra do trabalho.

No Google Acadêmico, foram encontrados 2.720 artigos relacionados ao tema pesquisado. Após a leitura de 80 temas e 45 artigos na íntegra, 26 artigos foram selecionados para compor a amostra do trabalho. Desses, 20 artigos foram utilizados para elaborar a tabela abaixo:

Tabela 1. Resumo dos Estudos Incluídos na Revisão sobre TEA e Cuidados de Enfermagem.

BASES DE DADOS E Nº DO ARTIGO	TÍTULO DO ARTIGO	OBJETIVO DO ARTIGO	PRINCIPAIS RESULTADOS
Google acadêmico A1 VARELLA (2019).	Transtorno do Espectro Autista (TEA).	Descrever sobre o que é o transtorno do espectro do autismo.	O texto aborda a definição do Transtorno do Espectro Autista.
Google acadêmico A2 ARAUJO; NASCIMENTO e DUTRA (2019).	O papel do enfermeiro na assistência à criança autista	Abordar sobre o papel do enfermeiro na assistência a crianças no espectro do autismo.	Discussão sobre a função do enfermeiro na assistência ao paciente com TEA.

Google acadêmico A3 LIN et al (2023).	Transtorno do espectro autista e envelhecimento: uma revisão narrativa.	Reunir dados disponíveis a respeito do espectro do autismo, dificuldades diagnósticas, instrumentos de triagem diagnóstica, condições clínicas, comorbidades neuropsiquiátricas e expectativa de vida em autistas adultos e idosos.	Identifica a escassez de estudos sobre TEA em adultos e na terceira idade.
Google acadêmico A4 RODRIGUES; QUEIROZ e CAMELO (2021)	Assistência de enfermagem a paciente com transtorno do espectro autista	O estudo tem como objetivo avaliar e aprimorar as práticas da assistência de enfermagem ao paciente no espectro do autismo.	Destaca dificuldades de compreensão das necessidades de autistas e sugere adaptação sensorial.
Google acadêmico A7 JERÔNIMO et al (2023)	Assistência do enfermeiro(a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista	Entender sobre o papel do enfermeiro na assistência a crianças e adolescentes no espectro do autismo em Centros de atenção psicossocial infanto- juvenil.	Descreve funções do enfermeiro frente ao TEA.
Google acadêmico A8 SENA et al (2015)	Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil	O artigo teve como objetivo analisar sobre o conhecimento e a prática dos enfermeiros da estratégia da saúde e da família sobre o TEA.	Destaca a necessidade de melhor preparo dos enfermeiros para lidar com pacientes com TEA.
Google acadêmico A9 HOFZMANN et al (2019)	Experiências dos familiares no convívio de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA)	O artigo tem como objetivo conhecer sobre a experiência dos familiares que convivem com crianças no espectro do autismo.	Ressalta a importância do acompanhamento na atenção básica para o desenvolvimento do autista.
Google acadêmico A10 SILVA; LIMA e MONTE (2021).	Análise da construção de conhecimento sobre autismo pela perspectiva da enfermagem: uma revisão de escopo	O objetivo do artigo foi avaliar sobre os avanços científicos de publicações na área da enfermagem brasileira sobre a população no espectro do autismo.	Examina o papel da enfermagem e a necessidade de conhecimento aprofundado sobre o TEA.
Google acadêmico A11 CAMELO et al (2021)	Percepção dos acadêmicos de enfermagem sobre autismo	Avaliar sobre o nível de conhecimento dos acadêmicos de enfermagem de uma universidade pública sobre o TEA.	Revela lacunas significativas no conhecimento dos graduandos de enfermagem sobre TEA.

Google acadêmico A12 SANTOS-FILHO et al (2020)	A importância do profissional enfermeiro no diagnóstico do autismo: uma revisão integrativa da literatura	O estudo teve como objetivo mostrar a relevância do papel do papel do enfermeiro frente ao diagnóstico do TEA.	Destaca o papel crucial da enfermagem no diagnóstico e acompanhamento do TEA.
Google acadêmico A13 CARVALHO; SOUZA e AZEVEDO (2022)	Assistência em enfermagem a crianças com autismo: revisão integrativa de 2017 a 2022	Analisar sobre a assistência de enfermagem à criança com sintomas o diagnóstico de TEA.	Aborda a contribuição da enfermagem e o ensino do autocuidado para crianças com TEA.
Google acadêmico A14 PIMENTA et al (2021).	Atenção e Cuidado de Enfermagem às Crianças Portadoras do Transtorno do Espectro Autista e seus Familiares	Identificar sobre a realidade de crianças no espectro do autismo e seus familiares e o cuidado diferenciado da enfermagem a esse público.	Enfatiza a necessidade de cuidados específicos e autocuidado para autistas e suas famílias.
Google acadêmico A15 MAGALHÃES et al (2020)	Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa	Analisar as evidências científicas sobre a assistência de enfermagem à criança no espectro do autismo.	Avalia a assistência de enfermagem baseada em evidências.
Google acadêmico A16 REZENDE et al (2020)	Conhecimento sobre Transtorno do Espectro Autista entre profissionais da atenção básica de saúde	Investigar sobre o conhecimento dos profissionais de saúde que atuam na atenção básica de um município de SP em relação ao TEA.	Explora o conhecimento dos profissionais da atenção básica sobre o TEA.
PubMed A17 BAUMAN (2010)	Medical comorbidities in autism: challenges to diagnosis and treatment	Realizar uma análise crítica sobre a literatura que aborda sobre o TEA.	Crítica sobre a literatura existente sobre comorbidades no TEA.
Google acadêmico A18 DIAS et al (2023)	Autismo e comorbidades psiquiátricas: uma análise crítica na literatura	Realizar uma análise crítica da literatura sobre o TEA e suas comorbidades psiquiátricas, enfocando uma revisão sitemática da pesquisa existente.	Discute as principais comorbidades psiquiátricas associadas ao TEA.
Google acadêmico A19 COSTA et al (2024)	A relação entre o Transtorno do Espectro Autista e comorbidades psiquiátricas em crianças: uma revisão de literatura	Discutir sobre a a relação entre o TEA e a prevalência de comorbidades psiquiátricas no público infantil.	Examina a prevalência de comorbidades psiquiátricas no público infantil com TEA.

Google acadêmico A20 MOURA; SILVA e LANDIM (2021)	Seletividade alimentar voltada para crianças com transtorno do espectro autista (tea): uma revisão da literatura.	O artigo teve como objetivo realizar uma revisão integrativa sobre a seletividade alimentar em crianças no espectro do autismo, apresentando estudos e comprovações científicas relacionadas a aversões alimentares, bem como associar desordens sensoriais com características dos alimentos.	Apresenta estudos sobre aversões alimentares e desordens sensoriais associadas ao TEA.
Google acadêmico A21 MELO (2022)	Os efeitos da inclusão de alunos com transtorno do espectro autista nas escolas de ensino regular	O estudo busca explicar sobre o TEA e como ele afeta a criança autista, informar sobre os níveis de suporte e mostrar de que forma o TEA é visto na área da saúde.	Analisa o impacto do TEA na criança e como é visto na área da saúde.

Fonte: Os autores (2024).

Os resultados obtidos a partir da análise dos artigos selecionados destacam a diversidade de temas e abordagens dentro do campo do Transtorno do Espectro Autista (TEA). No Google Acadêmico, os artigos revelam um panorama abrangente sobre a definição e as práticas de assistência de enfermagem ao paciente com TEA, desde a identificação das necessidades específicas desse grupo até a importância do preparo dos profissionais de saúde para oferecer um cuidado eficaz e adaptado. Além disso, foram identificadas lacunas significativas no conhecimento de graduandos e profissionais de saúde sobre o TEA e suas comorbidades. No PubMed, a revisão crítica da literatura e o exame das comorbidades psiquiátricas associadas ao TEA forneceram uma base sólida para entender os desafios diagnósticos e de tratamento enfrentados por esse grupo.

Entendi, vamos expandir e detalhar a discussão dos artigos considerando todos os pontos abordados na sua versão e com as referências adequadas.

A análise dos artigos revela uma compreensão multifacetada sobre o Transtorno do Espectro Autista (TEA) e seus impactos na prática de enfermagem. As publicações abordam a definição do TEA, a atuação dos enfermeiros, as dificuldades enfrentadas em diferentes faixas etárias e a importância de uma abordagem holística para um cuidado eficaz.

Os artigos discutem a definição e a percepção do TEA, destacando que é um transtorno do neurodesenvolvimento que afeta comportamentos, comunicação e interação social. Melo (2022) e outros autores fornecem uma visão clara de como o TEA pode impactar a vida de uma criança e como a condição é frequentemente vista pelos profissionais de

saúde. O TEA é caracterizado por uma ampla gama de sintomas que variam em intensidade e apresentação, o que torna essencial uma compreensão detalhada para fornecer um cuidado adequado e sensível às necessidades dos pacientes.

O papel do enfermeiro no cuidado de crianças autistas é amplamente discutido, com ênfase na importância de uma abordagem personalizada e adaptada às necessidades específicas de cada paciente. Os enfermeiros são responsáveis pela investigação inicial, acompanhamento contínuo e educação dos familiares sobre o TEA (A2). Esta abordagem não apenas aborda os aspectos médicos da condição, mas também promove a inclusão social e o suporte necessário para a adaptação e o bem-estar do paciente e sua família. É crucial que os enfermeiros desenvolvam competências para prestar um cuidado que vá além das necessidades clínicas, englobando o suporte emocional e a educação dos familiares.

Outro aspecto relevante discutido é a escassez de estudos sobre o TEA em adultos e idosos. A falta de pesquisa nessa área destaca a necessidade urgente de desenvolver abordagens e estratégias específicas para diagnosticar e tratar o TEA em fases posteriores da vida (A3). O diagnóstico de TEA em adultos é frequentemente dificultado pela camuflagem dos sintomas e pelas mudanças no comportamento ao longo do tempo, o que pode levar a uma falta de reconhecimento e tratamento adequado. Isso evidencia a importância de mais estudos e uma abordagem diferenciada para lidar com o TEA em diferentes etapas da vida.

A importância do conhecimento adequado da enfermagem sobre o TEA é destacada, sublinhando a necessidade de formação contínua e especializada para garantir uma assistência de qualidade (A9). O envolvimento da família no cuidado é igualmente importante, uma vez que a família é o grupo social mais próximo e relevante para o paciente. A capacitação dos profissionais de saúde deve incluir a formação sobre como trabalhar efetivamente com as famílias, abordando tanto as necessidades do paciente quanto o suporte necessário para os familiares.

A discussão sobre a vulnerabilidade social e seu impacto no diagnóstico e tratamento do TEA é um ponto crucial. Famílias em situações de vulnerabilidade enfrentam desafios adicionais que podem dificultar o acesso a serviços de saúde e a obtenção de um diagnóstico preciso (Silva, Lima, & Monte, 2021). Isso ressalta a necessidade de uma rede de apoio abrangente e demais instituições qualificadas para oferecer assistência a pessoas com TEA e suas famílias. O acesso limitado a serviços especializados pode ter um impacto significativo na qualidade do cuidado e no bem-estar dos pacientes.

O autocuidado é outro aspecto importante abordado na literatura, com foco nas práticas de higiene pessoal, como escovar os dentes, tomar banho e higienizar as mãos (Pimenta et al., 2021). Essas práticas são essenciais para a prevenção de doenças e para a manutenção da saúde dos pacientes autistas. Além disso, a musicoterapia é discutida como uma intervenção benéfica para a interação social, aprendizagem e estímulo da linguagem, embora haja controvérsias sobre sua eficácia na redução de comportamentos

estereotipados. Esses comportamentos estereotipados são frequentemente utilizados pelos pacientes autistas para regulação sensorial ou emocional e devem ser considerados no contexto das necessidades individuais do paciente.

Revela-se a necessidade de uma abordagem holística e personalizada no cuidado de pacientes com TEA (Rodrigues, Queiroz, & Camelo, 2021). Os enfermeiros devem adotar uma perspectiva abrangente que considere todos os aspectos da vida do paciente, incluindo as dimensões médicas, sociais e emocionais. A formação teórica e prática é essencial para garantir que os profissionais de saúde possam oferecer um cuidado integrado e centrado no paciente. A falta de aprofundamento em algumas áreas, como o TEA em adultos, destaca a necessidade de mais pesquisas e investigações para preencher essas lacunas e melhorar a prática de enfermagem.

Além disso, a seletividade alimentar em crianças com TEA e as aversões alimentares são discutidas, mostrando como essas questões podem impactar a vida dos pacientes e a importância de uma abordagem adaptada para atender às necessidades alimentares e nutricionais (A20). A compreensão das preferências e aversões alimentares também é essencial para garantir uma nutrição adequada e melhorar a qualidade de vida desses pacientes.

Percebe-se, com isso, a complexidade do TEA e a importância de uma abordagem abrangente no cuidado dos pacientes autistas. A formação contínua dos profissionais de saúde, o envolvimento da família e a realização de mais pesquisas são fundamentais para garantir que os pacientes recebam um cuidado de qualidade que atenda às suas necessidades específicas e melhore sua qualidade de vida. A necessidade de mais estudos, especialmente sobre o TEA em adultos e idosos, e a importância de uma abordagem holística são pontos chave para avançar na prática de enfermagem e proporcionar um cuidado que seja sensível e eficaz.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa revelou que, para proporcionar uma assistência eficaz e holística, os profissionais de enfermagem devem ter um conhecimento abrangente sobre o TEA, envolvendo não apenas a compreensão das características e necessidades individuais dos pacientes, mas também a inclusão da família no processo de cuidado. Além disso, foi identificada uma carência de estudos sobre o TEA em adultos e idosos, o que ressalta a necessidade urgente de mais pesquisas e a ampliação das instituições especializadas. A formação contínua dos profissionais e a expansão do acesso a serviços especializados são fundamentais para melhorar a qualidade da assistência e promover uma integração mais eficaz dos pacientes com TEA na sociedade.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

ARAÚJO, C. M. D.; NASCIMENTO, J. S.; DUTRA, W. L. O papel do enfermeiro na assistência à criança autista. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde**, v. 1, n. 3, p. 31-35, 2021.

ARAÚJO, C. M.; NASCIMENTO, J. S.; DUTRA, W. L.; BARBOSA, J. S. P.; LIMA, R. N. O papel do enfermeiro na assistência à criança autista. **Revista Brasileira Interdisciplinar de Saúde**, Brasília, v. 1, n. 3, p. 31-35, 2019.

BAUMAN, M. L. Medical comorbidities in autism: challenges to diagnosis and treatment. **Neurotherapeutics: the journal of the American Society for Experimental NeuroTherapeutics**, v. 7, n. 3, p. 320-327, 2010.

BRAGA, W. C. **Autismo: azul e de todas as cores**. Paulinas, 2018.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012**. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Diretrizes de atenção à reabilitação da pessoa com transtorno do espectro do autismo (TEA)**. Brasília: MS, 2014.

CAMELO, I. M.; CAMELO, E. C.; NEVES, K. R.; ARAGÃO, G. F. Percepção dos acadêmicos de enfermagem sobre autismo. **Foco**, v. 12, n. 6, p. 1210-1216, 2021.

CARVALHO, A. S.; SOUSA, M. G. D.; AZEVEDO, F. H. C. Assistência em enfermagem a crianças com autismo: revisão integrativa de 2017 a 2022. **RECIMA21 - Ciências Exatas e da Terra, Sociais, da Saúde, Humanas e Engenharia/Tecnologia**, v. 3, n. 6, p. 1-14, 2022.

COSTA, H. L. S.; BANHATTO, G. M. de S. L.; LONGUINHO, I. P. V.; NOGUEIRA, G. N.; CAVALCANTI, J. R. L. de P. A relação entre o Transtorno do Espectro Autista e comorbidades psiquiátricas em crianças: uma revisão de literatura. **Cuadernos de Educación y Desarrollo**, v. 16, n. 2 Edição Especial, p. 147-164, 2024.

DIAS, R. I. R. et al. Autismo e comorbidades psiquiátricas: uma análise crítica na literatura - uma revisão sistemática com enfoque na revisão de literatura. **Brazilian Journal of Implantology and Health Sciences**, v. 5, n. 5, p. 3193-3202, 2023.

DOS S. PIMENTA, C. G.; DE S. AMORIM, A. C. Atenção e cuidado de enfermagem às crianças portadoras do Transtorno do Espectro Autista e seus familiares. **Ensaio e Ciência: Ciências Biológicas, Agrárias e da Saúde**, v. 25, n. 3, p. 381-389, 2021.

HOFZMANN, R. R. et al. Experiências dos familiares no convívio de crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). **Enfermagem em Foco**, v. 10, n. 2, p. 64-69, 2019.

JERÔNIMO, T. G. Z. et al. Assistência do enfermeiro(a) a crianças e adolescentes com transtorno do espectro autista. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 36, p. eAPE030832, 2023.

LIMA, F. S. R. et al. Evidências científicas sobre a identificação precoce do Transtorno do Espectro Autista (TEA) em crianças na Atenção Primária à Saúde: protocolo de revisão de escopo. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 11, e550111133980, 2022.

LIN, J.; GAIATO, M. H. B.; ZOTESSO, M. C.; SILVEIRA, R. da R.; FERREIRA, L. Transtorno do espectro autista e envelhecimento: uma revisão narrativa. **Revista Remecs - Revista Multidisciplinar de Estudos Científicos em Saúde**, v. 8, n. 14, p. 3-11, 2023.

MAGALHÃES, J. M. et al. Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. **Enfermagem Global**, Murcia, v. 19, n. 58, p. 531-559, 2020.

MARINHO, R. A. de V.; OLIVEIRA, S. K. P. de; GARCES, T. S. Strategies for preventing and coping with sensory crises in Autism Spectrum Disorder in adolescents: a scope review protocol. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 13, p. e04111334430, 2022.

MOURA, G.; DA SILVA, R.; LANDIM, L. Seletividade alimentar voltada para crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão da literatura. **Revista Brasileira de Terapias Complementares e Integrativas**, v. 5, n. 2, p. 57-69, 2022.

SANTOS, J. P.; NASCIMENTO, J. S.; OLIVEIRA, J. C.; PONTES, R. A. A importância da assistência de enfermagem ao paciente com Transtorno do Espectro Autista: uma revisão sistemática. **Saúde & Tecnologia**, v. 13, n. 2, p. 97-106, 2023.

SILVA, L. A.; VIEIRA, M. S.; FIGUEIREDO, D. R.; CUNHA, T. A. O papel da enfermagem no suporte e acolhimento de crianças com Transtorno do Espectro Autista. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 75, n. 5, p. 106-113, 2022.

SILVA, R. A.; ARAÚJO, J. A.; PAIVA, L. D.; SOUSA, M. M.; MARINHO, A. A. Cuidados de enfermagem na saúde mental de crianças com autismo: uma revisão integrativa. **Revista Brasileira de Terapias Complementares e Integrativas**, v. 9, n. 4, p. 48-57, 2023.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ambiente acolhedor · 2, 5

Ambientes hospitalares · 3, 7, 9, 6, 1, 5, 7, 8, 9, 12, 13, 17, 14

Ansiedade · 2, 4, 5, 6, 8, 13, 8

Apoio emocional · 4, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 16, 17

Apoio psicológico · 2

Assistência de enfermagem · 7, 9, 10, 15, 17, 6, 12, 13, 14, 16, 21

Atendimento ao paciente · 2, 5

Atraso na cicatrização · 2

Avaliação pré-operatória · 2

C

Cirurgia · 2

Cirurgiões · 2, 4

Colaboração multidisciplinar · 1, 5, 6

Competência · 4

Complicações · 9, 11, 1, 3, 4, 5, 9, 11, 13, 14, 1, 13

Comunicação · 4, 10, 2, 4, 5, 7, 8, 11, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 5, 7, 16

Comunicação terapêutica · 2

Condições de saúde · 2, 12

Consequências das quedas · 1, 7

Contextos hospitalares · 10, 2

Controle · 6, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 1, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 4, 12, 15

Controle de infecções · 7, 2

Cuidado de TEA · 3

Cuidado do enfermeiro · 3, 6

Cuidado holístico · 2, 4, 6

Cuidado individualizados · 3

Cuidados de enfermagem · 3

Curativos · 2, 3, 4, 9, 11, 12, 13, 14

D

Desafios · 3, 4, 5, 7, 10, 16, 17, 18, 4, 3, 6, 8, 15, 2, 14, 3, 5, 6, 16, 17

Desenvolvimento profissional · 3

Desinfecção · 7, 9, 11, 13, 14, 15

Diretrizes de segurança · 2

E

Educação contínua · 7, 9, 12, 15, 16, 17, 14, 10, 15

Eficácia · 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 2, 8, 11, 13, 14, 1, 3, 4, 8, 14, 15, 16, 17, 7, 17, 4, 5, 18

Empatia · 8, 13, 4

Enfermagem · 3, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 17, 18, 19, 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 2, 5, 6, 7, 8, 10, 14, 15, 17, 18, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 3, 5, 6, 9, 10, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21

Enfermagem · 2, 3, 4, 6, 18, 19, 1, 2, 15, 1, 18, 19, 3, 18, 19, 3, 4, 11, 14, 20, 21

Enfermeiros · 7, 9, 12, 13, 16, 17, 18, 19, 2, 4, 10, 14, 2, 5, 6, 7, 12, 14, 15, 16, 17, 3, 5, 6, 12, 16, 17, 18

Envelhecimento · 2, 5, 11, 12, 21

Equipamentos de proteção individual (epis) · 7, 14

Esterilização · 7, 9, 11, 15, 10, 12

Estratégias preventivas · 1, 4, 8, 9, 10

Estresse · 2, 5, 14

F

Fatores de risco · 2, 1, 4, 5, 7, 9, 12, 15, 17

Feridas operatórias · 3, 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14

H

Higienização · 7, 9, 11, 13, 14, 15, 17, 3, 8, 10, 11, 12, 14

Hospitalização · 3

Humanização da assistência · 3

I

Iluminação inadequada · 2, 7, 12

Infecções · 3, 6, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12,

13, 14, 15

Infecções hospitalares · 6, 9, 10, 11, 15, 17, 19, 4, 8, 10, 15

Intervenções · 3, 4, 6, 10, 11, 14, 15, 16, 17, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 17, 2, 4, 5, 6, 9, 10, 12, 16, 17, 3, 5, 6

Intervenções de enfermagem · 2, 3

L

Lesões físicas graves · 2, 4

Limitações de recursos · 7

M

Medicamentos · 7, 9, 7

Medidas preventivas · 2, 3, 4, 1, 6, 10, 13, 15, 16, 17

Microbiologistas · 2

Morbidade · 9, 2, 14

Mortalidade · 9, 5, 2, 6, 14, 8

Mudança · 7, 16, 15, 6, 12

O

Óbito · 2

P

Pacientes · 4, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 17, 19, 1, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 5, 6, 7, 8, 10, 13, 16, 18, 19

Pacientes hospitalizados · 4, 1, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 16, 18, 2, 4, 12

Perfil epidemiológico · 3, 1, 4, 6, 17

Perigos ambientais · 2

Personalização do cuidado · 2

Pisos escorregadios · 2, 7, 12

Práticas de enfermagem · 4, 6, 10, 2, 5, 6, 8, 9, 6

Prevenção · 3, 6, 9, 10, 13, 14, 15, 18, 19, 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 2, 4, 5, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 18

Profissionais de enfermagem · 2, 5

Profissionais de saúde · 4, 5, 9, 12, 14, 15, 16, 2, 4, 11, 12, 13, 14, 10, 15, 4, 5, 6, 15, 3, 5, 14, 16, 17, 18

Prolongamento das internações hospitalares · 2

Protocolos · 7, 9, 13, 15, 17, 1, 3, 4, 5, 14, 2, 10, 14, 15, 16, 17

Q

Qualidade do atendimento · 7, 10, 11, 12, 5, 15, 2, 5, 14

Quedas · 3, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18

R

Resistência · 7, 16

Respostas a surtos · 7

S

Segurança do paciente · 3, 4, 7, 9, 11, 12, 17, 18, 4, 5, 9, 11, 12, 13, 14, 1, 3, 5, 6, 7, 8, 13, 14, 17

Sistemas imunológicos comprometidos · 7, 11

T

Técnicas assépticas · 7, 9, 11, 12, 13, 2, 8, 10, 12, 14

Técnicas de relaxamento · 2

Tempo de internação · 2, 4, 5, 3, 4

Terapia focada em emoções · 3

Transtorno do Espectro Autista (TEA) · 4, 3, 5, 6, 7, 9, 11, 13, 16, 20, 21

Treinamento · 7, 12, 13, 16, 17, 16, 2

Treinamento insuficiente · 7

V

Vigilância · 2, 4



contato@editoraomnisscientia.com.br 

https://editoraomnisscientia.com.br/ 

@editora_omnis_scientia 

https://www.facebook.com/omnis.scientia.9 

+55 87 99914-6495 



contato@editoraomnisscientia.com.br 

https://editoraomnisscientia.com.br/ 

@editora_omnis_scientia 

https://www.facebook.com/omnis.scientia.9 

+55 87 99914-6495 